



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO

LUCIANE RANGEL RODRIGUES

**BILINGUISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL: USO DE UM
TEMA DE CIÊNCIAS NO ENSINO DA LINGUA DE SINAIS
BRASILEIRA – LSB PARA ALUNOS OUVINTES.**

Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal Fluminense como requisito visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

Orientadora: Prof^a Dr.^a Ana Regina e Souza Campello

Co-orientadora: Prof^a Dr.^a Helena Carla Castro



NITERÓI

2015

LUCIANE RANGEL RODRIGUES

**BILINGUISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL: USO DE
UM TEMA DE CIÊNCIAS NO ENSINO DA LINGUA DE
SINAIS BRASILEIRA – LSB PARA ALUNOS
OUVINTES.**

Trabalho desenvolvido no Núcleo de Desenvolvimento de Produção na Inclusão e Surdez –NDPIS do Instituto de Biologia, Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense - UFF.

Dissertação de Mestrado submetido à Universidade Federal Fluminense como requisito visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

Orientadora: Prof^a Dr.^a Ana Regina e Souza Campello

Co-orientadora: Prof^a Dr.^a Helena Carla Castro

R 696 Rodrigues, Luciane Rangel

Bilingüismo no ensino fundamental : uso de um tema de ciências no ensino da língua de sinais brasileira – LSD para alunos ouvintes./ Luciane Rangel Rodrigues.--Niterói : [s.n.], 2015.

91f.

Dissertação--(Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão)--Universidade Federal Fluminense), 2015.

1. Pessoa com insuficiência auditiva. 2. Língua brasileira de 2. Bilingüismo. 3. Educação inclusiva. 4. Ensino de Ciência. 5. Material didático. 6. Educação especial. I. Título.

CDD.: 305.908162

LUCIANE RANGEL RODRIGUES

BILINGUISMO NO ENSINO FUNDAMENTAL: USO DE UM TEMA DE CIÊNCIAS NO ENSINO DA LINGUA DE SINAIS BRASILEIRA – LSB PARA ALUNOS OUVINTES.

Dissertação de Mestrado submetido a Universidade Federal Fluminense como requisito visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Ana Regina e Souza Campello – Departamento de Ensino Superior – INES (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a. Ediclea Mascarenhas Fernandes – Departamento de Estudos da Educação Inclusiva e Continuada – UERJ

Prof.^a Dr.^a. Rejany dos Santos Dominick – Faculdade de Educação – UFF

Prof.^aDr.^a. Nídia Regina Limeira de Sá – Departamento de Letras/Libras – UFRJ

Prof.^a Dr.^a. Helena Carla Castro – Instituto de Biologia – UFF (Co-orientadora)

Prof.^a Dr.^a.Cristina Maria Carvalho Delou – CMPDI/Instituto de Biologia – UFF (Suplente)

*Minhas mãos e meus olhos são minhas
melhores companhias.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço muito a Deus por ter me dado força e sabedoria para estudar e aprender os conhecimentos acadêmicos.

Agradeço aos meus queridos pais, Jorge e Miriam, por me criarem como alguém responsável; pelo constante incentivo aos meus estudos, muito embora numa época em que a língua de sinais brasileira não era reconhecida, e não houvera, portanto, a oportunidade de receber uma educação bilíngüe.

Um obrigado carinhoso a meu querido Fokito, meu filho de quatro patas, pelo amor, compreensão, pelos momentos em que, meio ao estresse e nervosismo devido a toda uma dissertação por finalizar, estava sempre presente para me distrair com suas brincadeiras, de forma a me acalmar.

Sou grata pela criação do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense e agradeço às professoras doutoras Cristina Delou e Helena Carla Castro, que abriram a porta para os surdos e têm respeitado e valorizado as diferenças das pessoas.

Também sou grata à Prof.^a Dr.^a Orientadora Ana Regina e Souza Campello e a Prof.^a Dra. Co-orientadora Helena Carla Castro, da UFF, por me acompanharem e orientarem desde o início do projeto até os dias de hoje.

Aos colegas do CMPDI, que colaboram e compartilham comigo, trocando ideias, informações e dúvidas, além da Doutora Elenilde, que me apoiou muito com sua boa vontade e disposição no momento do primeiro relatório de workshop na ausência de Helena Castro.

Meus agradecimentos à Fundação Municipal de Educação de Niterói, que colaborou comigo, sendo que a professora Rosana Prado me auxiliou nas questões burocráticas, de várias formas, inclusive pelo fato de ser uma pessoa muito conhecida por todos.

A toda equipe da escola Ernani Moreira Franco agradeço de coração por ter aberto as portas para que eu pudesse desenvolver a minha pesquisa livremente, sem entraves, considerando a relevância do que seria desenvolvido; pela prestimosidade de todos, e a ajuda prestada desejo agradecer.

Agradeço também aos intérpretes da UFF, em especial a Josiene Oliveira, que me acompanhou até o final dessa jornada, mas também ao Rodrigo Leal, Mauro Oliveira, Ludmila Franco, Daniele Magon, Wandréia Souza, Jaqueline Sacramento e Edilene Teixeira pelo apoio na interpretação do português para língua de sinais brasileira e vice-versa, ao ajudarem a sanar minhas dúvidas e pela compreensão com minha dificuldade na língua portuguesa, minha segunda língua fora de sala de aula.

SUMÁRIO

Lista de abreviaturas.....	X
Lista de figuras.....	XI
Lista de quadros	XII
Resumo	XIII
Abstract.....	XIV
1. Introdução	1
1.1 Apresentação.....	1
1.2. Fundamentação teórica	5
1.2.1.Características linguísticas e gramaticais da língua de sinais brasileira (LSB)	5
1.2.2 Experiência visual	13
1.2.3 O professor surdo	14
1.2.4 Os paradigmas da visualidade	15
1.2.5 Iconicidade	16
1.2.6 Descrição Imagética – DI	17
1.3 A importância da LSB para a inclusão social	17
1.4 Movimentos sociais e democracia participativa.....	18
1.5 A problemática da comunicação	20
1.6 Os surdos: anseios x realidade	25
1.7 Língua de sinais: o Brasil e o mundo	29
1.8 O ensino da LSB para crianças ouvintes - um caminho a ser explorado.	32
1.9 Contexto da pesquisa	34
1.9.1 A escola	35
1.9.2 Colaboradores	36
1.9.3 A escolha dos colaboradores	36
2. Objetivos.....	38
2.1 Objetivo geral.....	38
2.2 Objetivos específicos	38

3. Material e métodos.....	39
3.1 Recursos físicos.....	39
3.2 Características da sala de aula	39
3.3 Posicionamento das câmeras	40
3.4 Coleta de dados	41
3.5 Plano de aula, avaliação e diário de campo	43
3.5.1 Diário de campo.....	44
3.5.2 Dificuldades encontradas durante a pesquisa.....	45
4. Resultados e Discussão.....	47
4.1 Resultados.....	47
4.1.1 Processo primário para elaboração do produto.....	47
4.1.2 Material didático visual final	52
4.1.3 Análise das concepções e teste in loco com alunos ouvintes	56
4.2 Discussão	60
5. Conclusão	64
6. Referências bibliográficas	65
7. Apêndices e anexos.....	71
7.1 Apêndices	71
Apêndice I: termo de consentimento livre e esclarecido	72
Apêndice II: termo de consentimento livre e esclarecido filmagem e fotografia	74
Apêndice III: primeiro questionário da aula de libras na sala de aula na E. M. Ernani Moreira Franco	76
Apêndice IV: segundo questionário da aula de libras na sala de aula na E. M. Ernani Moreira Franco	77
Apêndice V: primeiro questionário aplicado aos alunos e suas devidas respostas.....	78
Apêndice VI: segundo questionário aplicado aos alunos e suas devidas respostas.....	85
7.2 Anexos.....	71
Anexo I: autorização para realização de pesquisa.....	91

LISTA DE ABREVIATURAS

APADA	Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos
ASL	American Sign Language
BRADESCO	Banco Brasileiro de Descontos S/A
CEDERJ	Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CM	Configuração de mão
CONAE	Conferencia Nacional da Educação
DATAPREV	Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência Social
DESU	Departamento de Ensino Superior
ENM	Expressão não-manual
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IC	Implante Coclear
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
L	Locação
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSF	Língua de Sinais Francesa
M	Movimento
OM	Orientação da mão
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PPT	Power Point
PROLIBRAS	Proficiência em Língua Brasileira de Sinais
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UNIVERSO	Universidade Salgado de Oliveira
UVA	Universidade Veiga da Almeida

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1: Configurações de Mãos em LIBRAS.....	7
Figura 2: Movimentos da mão.....	9
Figura 3: Espaço de realização dos sinais e as quatro áreas principais de articulação dos mesmos	10
Figura 4: Comparação do Posicionamento correto para a Orientação da Mão	10
Figura 5: Expressões faciais no ato de mamar	12
Figura 6: Descrição da Sala de Aula para o desenvolvimento da pesquisa	40
Figura 7: Descrição da organização da Sala de Aula	41
Figura 8: Pesquisa sobre o aprendizado de libras para crianças ouvintes, realizada com 72 sujeitos surdos e ouvintes	42
Figura 9: Sinal referente ao ato de mamar de um filhote de gorila	48
Figura 10: Sinais referentes a ato de mamar de vários cachorrinhos	48
Figura 11: Sinal referente ao ato de mamar de um bezerro	49
Figura 12: Sinal referente ao ato de mamar de uma Foca	49
Figura 13: Sinal referente ao ato de mamar de um canguru	50
Figura 14: Figuras apresentando os pontos de articulação utilizados na pesquisa.	50
Figura 15: Posição representativa da glândula mamária de uma gorila fêmea e de uma vaca	51
Figura 16: Posição representativa da glândula mamária em uma cadela e numa fêmea de peixe-boi	51
Figura 17: Sinal referente ao mamífero gorila em LSB	53
Figura 18: Sinal relacionado a estrutura gramatical da LSB	53
Figura 19: Sinal que indica imageticamente o ato de mamar", numa gorila fêmea	54
Figura 20: Cat and Sign Language	54
Figura 21: A Conversation With Koko.....	55
Figura 22: Imagem do vídeo desenvolvido com Fokito, animal de estimação da Professora Luciane Rangel	55
Figura 23: Professora Luciane Rangel, e o seu cachorro Fokito se comunicando em LSB	56

LISTA DE QUADROS:

Quadro 1: Atividades empreendidas nos dias propostos para a aplicação do projeto na escola	44
Quadro 2: : Roteiro do Material Multimídia	52
Quadro 3: Avaliação continuada, com conceitos diferenciados: bom; regular; insuficiente	57
Quadro 4 Comparação das respostas ao questionário utilizado para a análise das concepções dos alunos quanto ao tema proposto antes da dinâmica	58
Quadro 5: Comparação das respostas ao questionário utilizado para a análise das concepções dos alunos quanto ao tema proposto após a dinâmica	59

RESUMO

Atualmente, as políticas educacionais propõem a educação para a diversidade. Nesta perspectiva, aqui no Brasil, uma das maiores preocupações é a comunicação entre surdos e ouvintes, pois isso envolve línguas distintas, já que a LSB- Língua de Sinais Brasileira - é a primeira língua dos surdos, conforme visão antropológica. Embora a lei que a regulamenta exista desde 2002, passados 13 anos o processo de inserção da mesma no sistema político do Brasil ainda é moroso no que tange a garantia deste direito linguístico. A LSB não foi inserida na estrutura curricular da maioria das escolas regulares (particulares ou públicas), nem das escolas inclusivas. Visto que na grade curricular de tais escolas consta como obrigatório o ensino de línguas estrangeiras, tais como a língua inglesa e/ou espanhola, como segunda língua para os alunos, a LSB deveria, analogamente, ser implementada aos ouvintes, da infância até a vida adulta, o intuito de melhorar a comunicação entre estes e os surdos, independente da presença ou não de alunos surdos matriculados. Este trabalho tem como objetivo elaborar um material didático de Libras, enfocando um conteúdo programático específico das ciências: “Mamíferos”, trabalhando, em vídeo, classificadores que indiquem o “ato de mamar”, para ser utilizado como recurso visual em aulas e oficinas, de forma que os alunos ouvintes possam aprender a língua de sinais. Assim o vídeo foi construído, mostrando sinais referentes a dezessete animais mamíferos, além de três partes que exemplificam curiosidades e o uso dos sinais envolvendo este tema. O material multimídia final está disponível gratuitamente no site do *Youtube* (<https://youtu.be/ci-MI74dU5s>), visando possibilitar o acesso e facilitar o ensino de LSB pelo uso de temas na área de ciências, estimulando a consolidação de uma sociedade inclusiva de verdade.

Palavras-chave: LSB; crianças ouvintes; ciências; mamíferos; vídeo.

ABSTRACT

Currently, the educational policies propose education for all people. From this perspective, here in Brazil, one of the biggest concerns is the communication between deaf and hearing people, as it involves different languages, since LSB (Brazilian Sign Language), is the first language of the deaf, according to anthropological view. Although the law regulating it exists since 2002, after 13 years the process of inclusion of it into the political system of Brazil is still slow regarding the assurance of that linguistic right. The LSB was not inserted in the curricular structure of most regular schools (private or public), or of inclusive schools. Since the teaching of the English or Spanish language as a second language has been included as mandatory in the curricular framework of those schools, LSB should likewise be implemented to improve communication between deaf and hearing people from early childhood to adulthood, regardless the presence or absence of deaf students enrolled in the school. This work aims to develop a science teaching material; focusing on a specific curriculum: "Mammals", to be worked on a video, with classifiers that indicate the "suckling" to be used as visual aids in classes and workshops so that hearing students can learn sign language, stimulating the consolidation of a real inclusive society. Therefore, the video was constructed, showing signs for seventeen mammals besides three parts that exemplify curiosities and the use of signs related to this theme. The final multimedia material is freely available in the *YouTube* site (<https://youtu.be/ci-Ml74dU5s>), aiming to give the access easy the teaching of LSB by the use of themes from the science area, stimulating the consolidation of a real inclusive society.

Keywords: LSB; hearing children; science; mammals; video.

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

Primeiramente, não posso deixar de esclarecer que sou um sujeito visual, ou seja, uma pessoa surda. Há um sinal que me identifica culturalmente: utiliza-se o alfabeto manual, com a mão em frente ao tronco, num formato em “L”, realizando um movimento circular, no sentido anti-horário.

Perdi a audição aos dois anos e meio devido à meningite. Não tive direito à educação bilíngue, visto que, por volta dos anos 70, quando obtive a minha educação escolar, a língua de sinais brasileira era proibida. Sendo assim, não adquiria Língua de Sinais Brasileira¹ (LSB) na minha infância. Comecei a ter treinamento linguístico aos três anos de idade, exercitando fala, escrita e leitura com a professora Leny Lucas, através de aulas particulares em minha própria casa. Adquiri como língua materna o português, porém esta não era minha língua natural, e sentia que algo me faltava. Hoje, possuo duas línguas: a LSB (minha primeira língua, minha língua natural) e a Língua Portuguesa, sendo que esta última tornou-se minha segunda língua.

Descobri minha língua natural aos 12 (doze) anos, quando ingressei no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, localizado na Gávea, onde tive meu primeiro contato real com a língua de sinais através de outros jovens, surdos iguais a mim. Foi a partir desse momento que me identifiquei como sujeito surdo e passei a ter conhecimento da cultura surda, daí em diante defendendo a LSB. Vale ressaltar também que sempre fui militante da Comunidade Surda² em Niterói, onde resido atualmente.

Trago reflexões, construídas em meu caminho profissional. Algumas situações que ocorreram me deixaram em dificuldade, pois não tive as mesmas oportunidades que os ouvintes, devido às diferenças entre as lín-

¹ A Língua de Sinais Brasileira pode ser grafada como LSB ou Libras, assunto que me aprofundarei um pouco mais à frente nessa dissertação.

² Existe...no seio da comunidade surda uma convenção, uma distinção entre o sujeito surdo (com s minúsculo) e Surdo (com s maiúsculo). Aos que se enquadram nos modelos “audistas” – os surdos que não são culturalmente surdos – são indicados com s minúsculo, relativa à surdez auditiva; os “Surdos” com “S” maiúsculo, portanto, são aqueles formadores de uma entidade linguística e cultural.

Fonte: http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lpt/l_a_P/Libras/aula_01/04.html

guas utilizadas por mim (língua portuguesa e LSB), além da falta de sensibilidade e respeito a essa diferença. Superei o preconceito linguístico diante de barreiras na comunicação e da falta de conhecimento sobre a surdez por parte do povo ouvinte na sociedade, assim desenvolvendo minha autoestima.

Foi então que descobri meu desejo de ser professora, pois sempre gostei de ajudar ao próximo, educar, ensinar e passar informações, principalmente aos surdos, que viviam alienados por não terem acesso a tudo que é veiculado pelos principais meios de comunicação social; e também para auxiliar ouvintes a se comunicar com estes. Foi por essas razões também que optei por ensinar a Língua Brasileira de Sinais.

Tinha percepção da minha diferença linguística e cultural, em razão de sempre enfrentar barreiras e problemas de comunicação. Não devido a minha surdez, mas sim por sempre me sentir como “estrangeira”, pois pertencço a uma minoria linguística. Foi quando descobri que haviam instrutores surdos que ministravam aulas de LSB. Fiquei muito fascinada e decidi realizar o curso para formação de instrutores de LSB na FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos. Posteriormente a conclusão do curso, comecei a ministrar aulas de LSB para os familiares dos surdos na APADA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição, de Niterói. Tal atividade foi iniciada aos 18 anos de idade como voluntária e, desde então, nunca mais parei de dar aula. Apesar de ter trabalhado no Bradesco³ e na Dataprev⁴, nunca me senti satisfeita; sempre aproveitava os momentos mínimos de folga para ir a congressos e seminários de surdos, além de, paralelamente, dar aulas de Língua de Sinais Brasileira.

No ano de 1996, resolvi retomar meus estudos na universidade, tendo o apoio da professora Esmeralda Stelling Peçanha. Foi ela a responsável por me orientar na descoberta e escolha da minha profissão, apontando-me características que me identificavam com a Pedagogia. As demais

³ O Banco Bradesco foi fundado em 1943 como um banco comercial sob o nome de "Banco Brasileiro de Descontos S.A." Em 1948, iniciou um período de intensa expansão, que fez com que se tornasse um dos maiores bancos comerciais do setor privado no Brasil.

⁴ Empresa pública vinculada ao Ministério da Previdência Social, com personalidade jurídica de direito privado, patrimônio próprio e autonomia administrativa e financeira, que busca prover soluções de tecnologia da informação e da comunicação para o êxito das ações de governo, de forma a preservar o interesse público.

dúvidas que possuía acerca do curso foram sanadas com o apoio de Ana Regina e Souza Campello, quando a mesma era presidente da FENEIS⁵, afinal ainda não havia lei oficial de Libras, nem acessibilidade através de intérpretes e tradutores da língua. Quando ingressei na UVA - Universidade Veiga de Almeida, sediada na Tijuca, para cursar Pedagogia (com habilitação em magistério e administração escolar) decidi pedir demissão da Dataprev, afim de dedicar-me com mais afinco à educação. Em 1998, enquanto ainda cursava Pedagogia, fui convidada a trabalhar como professora da APADA⁶, local onde foi implantada a primeira creche a atender bebês surdos de zero a dois anos. Pouco tempo depois, assumi a direção da creche da APADA, cargo que ocupei até o ano de 2007. Em 2002, fiz um curso de extensão para capacitação de instrutor de LIBRAS/agentes multiplicadores na FENEIS, com o propósito de me aprimorar.

Em 2002, pela primeira vez, atuei como professora, na Faculdade Universo⁷, ministrando duas disciplinas, a saber: LIBRAS e Educação Diferencial de Surdez, .Enriqueci minha experiência acadêmica, porém sem possuir o título de mestre. Entre 2005 e 2006, participei do curso de extensão para formação de instrutor de LSB I,II,III e IV,na UFF. Em 2007, fui aprovada no PROLIBRAS – Exame Nacional de Certificação de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais,na categoria Usuário de LIBRAS, surdo, com escolaridade de nível superior. De 2009 a 2011 cursei uma Pós-Graduação a distância, na Faculdade Eficaz⁸, em LIBRAS e Educação Especial.

Em 2008, me classifiquei em segundo lugar no concurso para admissão de professor substituto de LIBRAS do curso de Pedagogia da UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cargo que exerci concomitantemente ao trabalho como professora universitária da Faculdade Santa Do-

⁵A FENEIS é uma entidade filantrópica com finalidade sócio-cultural, assistencial e educacional. Tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da Comunidade Surda Brasileira, bem como maior propósito divulgar a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

⁶ A APADA (Niterói – RJ) é uma entidade brasileira sem fins lucrativos que visa promover a inclusão do surdo na sociedade, bem como auxiliar as famílias para o aperfeiçoamento da comunicação entre surdos e ouvintes.

⁷UNIVERSO: Universidade Salgado de Oliveira, localizada em São Gonçalo – RJ.

⁸Situada em Maringá/PR, a Faculdade Eficaz possui modalidades de ensino a distância, presencial, semipresencial, e cursos de Graduação, Pós-graduação, Capacitação, Extensão, além de Cursos Técnicos

rotheia, localizada em Nova Friburgo. Em 2009, fui aprovada em 1º lugar no Concurso para contratação de professor substituto de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, que teve somente uma vaga, na Universidade Federal Fluminense – UFF, sendo lotada no Departamento de LETRAS. Fui escolhida para ministrar na turma de Pós Graduação de Educação Inclusiva. Tal experiência aperfeiçoou ainda mais meu trabalho, elevando meu conhecimento acadêmico. A partir de 2010, iniciei a pesquisa e criação de uma metodologia na plataforma de Educação à Distância⁹, sendo uma das três autoras, além de participar do processo de avaliação docente para o cargo de Professor Auxiliar, do Departamento de Letras – LIBRAS. Atualmente, exerço a função de professora auxiliar, concursada, pela UFRRJ¹⁰, desde o ano de 2014.

Minha formação acadêmica me permitiu adquirir experiência, e assim contribuir substancialmente com a formação de discentes em diversas universidades, através do ensino da Língua Brasileira de Sinais e informações sobre o mundo dos surdos, cultura e identidade surda, bem como a educação bilíngue para os mesmos. Por muito tempo, tenho percebido o desinteresse por parte de alguns alunos ouvintes, que acham sem significância o aprendizado da LSB, visto que não pretendem trabalhar diretamente com surdos em suas atividades profissionais. Este fato conduziu-me a uma reflexão acerca da minha didática, levando-me a criar uma estratégia que contribuísse para inserir a disciplina de Libras na estrutura curricular de escolas, a partir da educação infantil até o ensino médio, de forma semelhante ao que ocorre com as disciplinas de língua oral estrangeira, tendo o inglês e o espanhol como principais exemplos.

Desenvolvi um projeto de aprendizado da LSB, o primeiro, um curso livre de Libras nível iniciante, para as crianças na faixa etária de 9 a 11 anos. Este foi aplicado a três pré-adolescentes (duas meninas e um menino) com idades entre 10 e 11 anos. Aconteceu no Espaço Cultural em Santa Rosa, Niterói, em 2010, com a duração de três meses. O estudo me impressionou muito, pois eles aprenderam com muita rapidez, em compara-

⁹Introdução à disciplina de LIBRAS - Boas vindas ao curso de Pedagogia/LIBRAS CEDERJ, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2QdePgjllkA>

¹⁰Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

ção com determinados adultos que eu conhecia. Desenvolveram uma consciência de valorização à pessoa surda, passando a respeitar a língua de sinais como a primeira língua do surdo. A sua apreciação pelo que estavam aprendendo era admirável. Em especial o garoto demonstrou uma atitude positiva, não só quanto à língua, mas também quanto à cultura surda, tendo uma rápida percepção das regras envolvidas, e que todo o conteúdo seria visual. A reação deles despertou em mim o interesse em desenvolver uma pesquisa para o mestrado voltada ao ensino de crianças ouvintes.

Comecei a pesquisar a cerca da língua de sinais brasileira como segunda língua para alunos ouvintes, chegando a conclusão de que é possível modificar a proposta atual do sistema educacional do Brasil, que se restringe ao Ensino Superior, e implementar a disciplina de Libras na estrutura curricular em todas as escolas regulares e inclusivas desde a Educação Infantil. Visto que o Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão - CMPDI, está vinculado ao Instituto de Biologia da UFF - Universidade Federal Fluminense, refleti sobre a possibilidade de desenvolver a minha pesquisa com o ensino de língua de sinais para crianças ouvintes a partir de um tema das Ciências, a saber, mamíferos. Logo, justificando o presente projeto de mestrado, o mesmo consiste em criar um material didático em forma de vídeo, em LSB, voltado para alunos com idade entre 10 e 11 anos, a princípio focado numa escola inclusiva específica da rede de ensino municipal de Niterói, posteriormente se tornando disponível a outros, com o intuito de divulgar a língua de sinais e a sua aquisição por parte de todos, para que alcancemos uma sociedade inclusiva de fato.

1.2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.2.1. CARACTERÍSTICAS LINGUÍSTICAS E GRAMATICAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB)

A LSB, para o sujeito Surdo, é considerada como primeira língua (L1), enquanto que para o sujeito ouvinte é considerada como segunda língua (L2). Porém, não se enquadra no perfil de língua estrangeira para o

ouvinte, haja vista ser esta reconhecida e regulamentada como língua, por lei e decretos específicos. Em contraste com a língua portuguesa, com sua modalidade oral/auditiva, esta se apresenta como espaço/visual¹¹ (Fernandes, 2003, p.39). Possui, no entanto, uma estrutura gramatical que se caracteriza pela presença de: fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

Em síntese, tais estrutura se referem a:

1. nível fonológico - unidades que constituem uma língua
2. nível morfológico - formação de palavras
3. nível sintático – estrutura
4. nível semântico – significado
5. nível pragmático - contexto conversacional.

Esses aspectos comprovam sua riqueza e complexidade linguística, o que vem a reforçar o interesse pelo aprendizado. É justamente devido a riqueza envolvida na visualidade das línguas de sinais que não é tão simples identificar os léxicos presentes nestas.

Quanto a fonética e fonologia, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que

[...] são áreas diferentes que operam com seus próprios métodos; porém, elas se condicionam mutuamente em seu valor e desenvolvimento. (...) descrever a fonologia de uma língua de sinais sem considerar o aspecto fonético seria absurdo. Do mesmo modo, o estudo da fonética de uma língua de sinais resulta pouco proveitoso se não se considerar a função que os elementos fônicos desempenham no sistema dessa língua...” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.84)

Realmente, ao passo que nas línguas orais o sentido da palavra muda de acordo com a troca de suas unidades mínimas ou a posição destas na palavra, o significado de um sinal e o seu sentido é alterado ao mudarmos um determinado parâmetro. São estes:

¹¹ As Línguas de sinais apresentam-se em uma modalidade espaço/visual, pois não se realizam pelo canal oral/auditivo, mas sim pelo canal visual e a utilização do espaço.

a) Configuração de Mão (CM)

Costa(2012) considera os parâmetros, com enfoque nas configurações de mãos:

[...] os linguistas argumentam que as configurações de mão em si não têm significado. (...) nosso argumento é o de que podemos encontrar diferentes tipos de motivação em cada um dos parâmetros das línguas de sinais e que, na maioria dos casos, essa motivação pode ser identificada...”(COSTA, 2012 p.39)

(Figura 1)



Figura 1: Configurações de Mãos em LIBRAS. (Fonte: LSB vídeos)

b) Movimento (M)

As categorias do parâmetro Movimento, na LSB, podem ser descritas segundo Ferreira Brito (1990) incluindo:

1. Tipo

- Contorno ou forma geométrica: retilíneo, helicoidal, circular, semi-circular, sinuoso, angular, pontual;
- Interação: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado;

- Contato: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar;
- Torcedura do pulso: rotação, com refreamento;
- Dobramento do pulso: para cima, para baixo;
- Interno das mãos: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/ gradativo)

2. Direcionalidade

- Direcional:
 - *Unidirecional*: para cima, para baixo, para direita, para esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para lateral inferior esquerda, para lateral inferior direita, para lateral superior esquerda, para lateral superior direita, para específico ponto referencial;
 - *Bidirecional*: para cima e baixo, para esquerda e direita, para dentro e fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda;
- Não-direcional

3. Maneira

- Qualidade, tensão e velocidade
 - contínuo;
 - de retenção;
 - refreado;

4. Frequência

- Repetição
 - simples;
 - repetido.

Exemplos de movimentos em LSB, utilizados durante o desenvolvimento da pesquisa, podem ser observados na Figura 2:

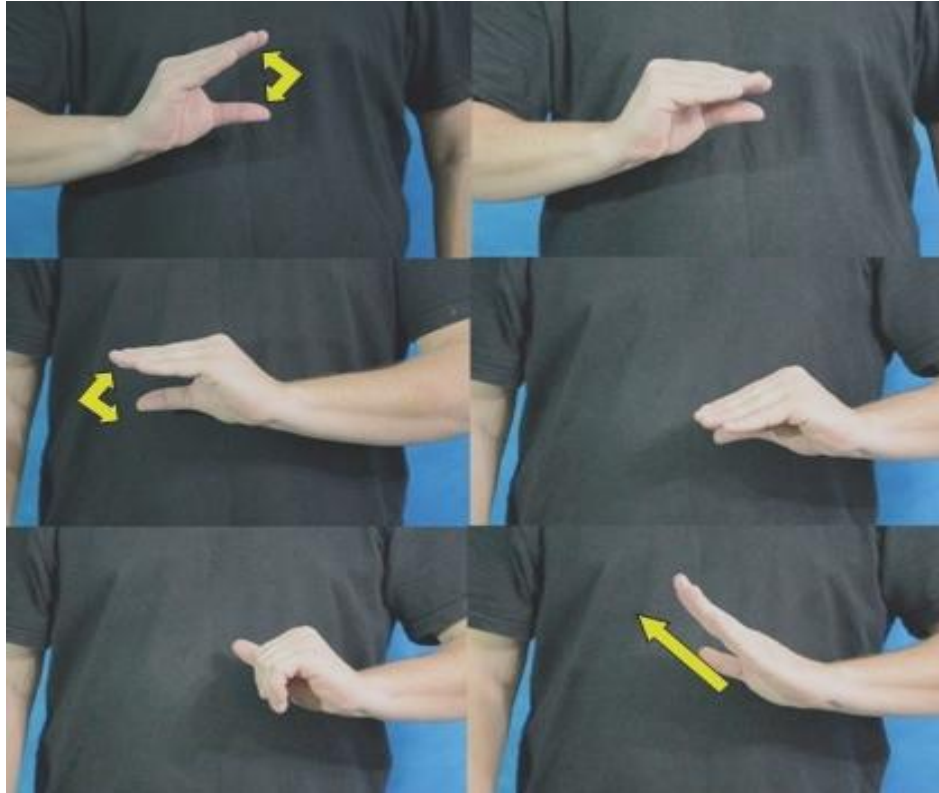


Figura 2: Movimentos da mão. (Figuras do acervo particular da autora.)

c) Locação (L)

Segundo Ferreira Brito e Langevin (1995), quanto a Locação, ou Pontos de Articulação, encontramos o seguinte(Figura 3):

- **CABEÇA:** topo da cabeça, testa, rosto, parte superior do rosto, parte inferior do rosto, orelha, olhos, nariz, boca, Bochechas, queixo, zona abaixo do queixo.
- **TRONCO:** pescoço, ombro, busto, estômago, cintura, braços, braço, antebraço, cotovelo, pulso.
- **MÃO:** palma, costas das mãos, lado do indicador lado do dedo mínimo dedos, ponta dos dedos, nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão), nós dos dedos (primeira junta dos dedos), dedo mínimo, anular, dedo médio. Indicador, polegar.

- ESPAÇO NEUTRO.



Figura 3: Espaço de realização dos sinais e as quatro áreas principais de articulação dos mesmos, segundo Battison, 1978, p.49. (QUADROS & KARNOPP. Língua de Sinais Brasileira. Estudos Linguísticos. 2004, p.57)

c) Orientação da Mão (OM)

Orientação é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. Este parâmetro só foi incluído a partir de Battison, 1974. São seis os tipos de orientações da palma da mão na LSB, conforme Ferreira Brito (1995, p. 41): para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita ou para a esquerda.

A Orientação de mão utilizada corretamente informa sobre o contexto da palavra representada, de modo que não apenas um nome, mas também o seu sentido pode ser compreendido (Figura 4):

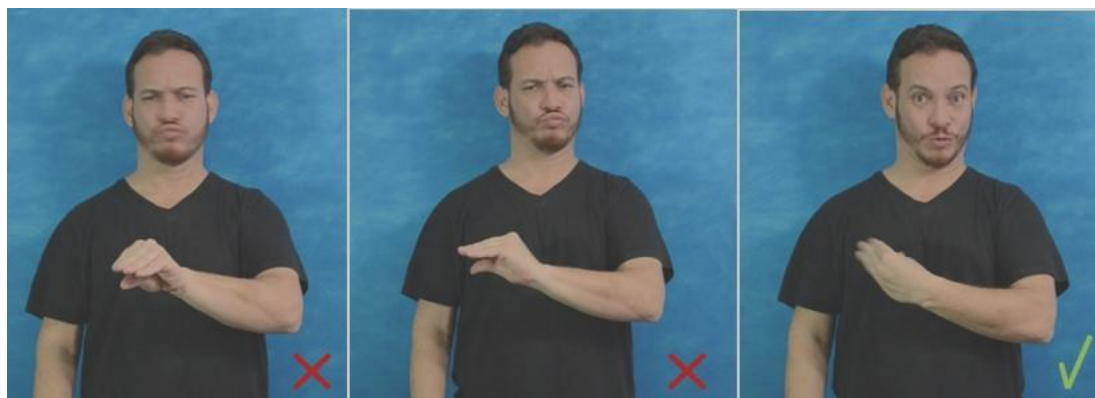


Figura 4: Comparação do Posicionamento correto para a Orientação da Mão: X = errado, V = Correto (Figuras do acervo particular da autora.)

d) Expressões não-manuais (ENM)

As expressões não-manuais da LSB, segundo Ferreira Brito e Langevin (1995) são:

ROSTO

Parte Superior

~ ~

Sobrancelhas franzidas

Ô

Olhos arregalados

⚡

lance de olhos

^^

Sobrancelhas levantadas

Parte Inferior

Db

Bochechas infladas

Bd

Bochechas contraídas

=

lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas

/b

Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha

B

Apenas bochecha direita inflada

Contração do lábio superior

Franzir do nariz

CABEÇA

+

Balanceamento para frente e para trás (sim)

-

Balanceamento para os lados(não)

γ

Inclinação para frente

/

Inclinação para o lado

ƒ

Inclinação para trás

ROSTO E CABEÇA

Wh

Cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados

Wô

Cabeça projetada para trás e olhos arregalados (ex.quem?)

TRONCO

→

Para frente

←

Para trás

□VSo

Balanceamento alternado dos ombros

□VS

Balanceamento simultâneo dos ombros

□

Balanceamento de um único ombro

Expressão observada no desenvolvimento do presente trabalho (Figura 5):

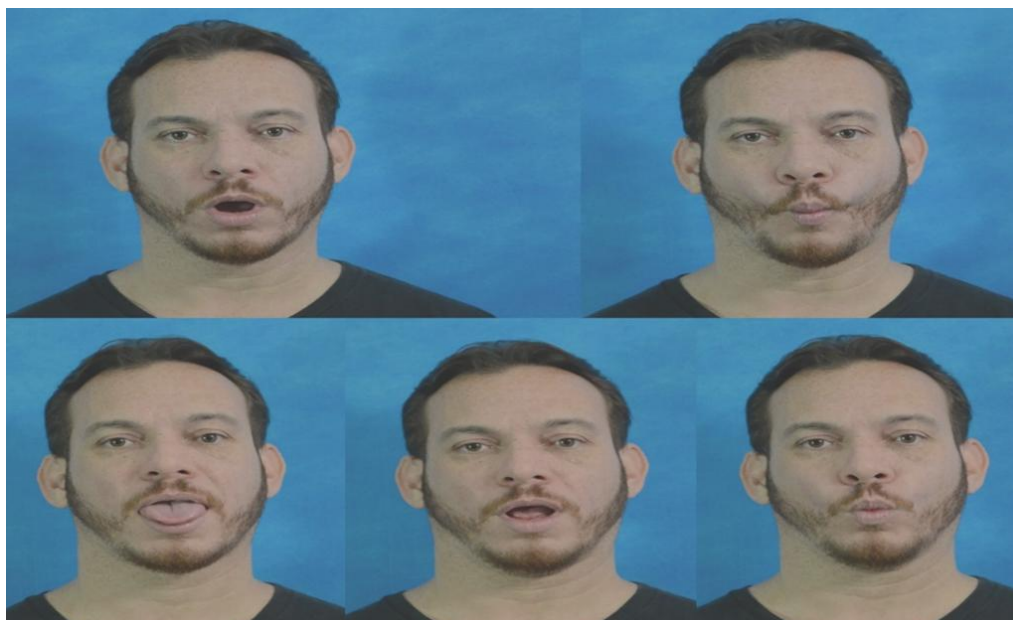


Figura 5: Expressões faciais no ato de mamar, observadas e utilizadas no trabalho desenvolvido.(Figura do acervo particular da autora.)

Sobre o aspecto morfológico encontramos a seguinte explanação

[...] as línguas de sinais tem um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfeemas) são combinadas. (...) Para as línguas orais, palavras complexas são muitas vezes formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz. Nas línguas de sinais, essas formas resultam frequentemente de processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.87)

Isto significa que ao reduplicar o movimento um novo sinal é criado, fazendo a diferenciação entre substantivos e verbos. Quando há uma junção de dois sinais já existentes, por exemplo, de forma simultânea, cria-se um novo sinal, um sinal composto. É o caso em CASA^ESTUDAR = ESCOLA; CASA^CRUZ = IGREJA, dentre outros.

No que tange a semântica e pragmática, um sinal pode ser icônico - o que trataremos mais a frente - ou arbitrário, a depender da sua incorporação na estrutura linguística. Quanto à arbitrariedade:

[...] esta diz respeito à relação entre forma e significado. As palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, visto que, dada a forma, é impossível prever o signifi-

cado, e dado o significado, é impossível prever a forma. (...) Aplica-se também, consideravelmente, à grande parte da estrutura gramatical das línguas, na medida em que estas diferem gramaticalmente umas das outras. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.26)

Isso se aplica a qualquer língua, seja oral ou visual, já que não existe uma relação inerente entre uma palavra e o seu símbolo.

[...] não mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam. Uma das propriedades básicas de uma língua é a arbitrariedade existente entre significante e referente. Durante muito tempo afirmou-se que as línguas de sinais não eram línguas por serem icônicas, não representando, portanto, conceitos abstratos. Isto não é verdade, pois em língua de sinais tais conceitos também podem ser representados, em toda sua complexidade (STROBEL & FERNANDES, 1998, p. 7).

Tudo isso envolve, dentre outros aspectos, cultura bem como subjetividade. No entanto, a partir do momento em que há uma compreensão entre locutor e interlocutor, se estabelece uma forma real de comunicação.

1.2.2 EXPERIÊNCIA VISUAL

A “experiência visual” desenvolve a cultura visual (PERLIN, 1998, p.53). Na teoria cultural e de Estudos Surdos, a língua de sinais e a cultura do sem som se constrói visualmente. Tais percepções e experiências, bem como os seus significados não sonoros transferem o que foi vivenciado em determinado momento por meio da língua de sinais como um princípio de tal experiência visual.

A imagem visual consta de “perceptivas visuais”, que é nada mais que cada impulso ou o domínio das mãos, (comparado com os “sons” que quando entra nos ouvidos humanos adquirem a força receptiva) quando é impulsionado durante a gesticulação ou dos movimentos das mãos, de maneira que este impulso tenha um ponto de aplicação, uma direção, e uma intensidade que preencham as exigências. (ARNHEIM, 2004, p.9)

Perlin e Miranda (2003, p.218) explicam que a experiência visual refere-se ao uso da visão enquanto substituto da audição. De tal experiência visual surge a Língua de Sinais, como representação da cultura surda, do seu modo de ser, de se expressar e de conhecer o mundo. Daí os olhos serem fundamentais para que se mantenha uma comunicação eficaz. Diante disso, a proposta do surdo como agente fundamental nos espaços escolares, pois ninguém melhor que este para dar a entender como o “ouvir com os olhos” acontece.

1.2.3 O PROFESSOR SURDO

A presença do professor surdo é crucial para um trabalho pedagógico que respeite as propostas de educação para a diversidade. Quadros (2008) expressa bem essa idéia ao dizer que

[...] as representações do ser surdo, em um universo essencialmente regulado pelo som, ouvir e falar, traduzidas na prática pedagógica pelo ler e escrever tornaram-se tão essencializadas no espaço escolar que qualquer outra forma de ensino não centrado na Língua Portuguesa provoca estranheza e sofre profundas restrições, se não impedimentos legais no processo de implantação. Entretanto, esse exercício não se localiza na lógica explicativa das oposições binárias – línguas de sinais/línguas orais, educação bilíngüe/educação monolíngüe –, mas na complexidade efêmera que transita entre esses extremos. A idéia é colocar em dúvida se a produção e a socialização do conhecimento acadêmico só são possíveis a partir da norma ouvinte. É na tensão provocada nos espaços de negociação entre surdos e ouvintes que se constrói este ensaio.(QUADROS, 2008, p.82)

Sendo assim, o professor surdo torna-se imprescindível, com sua identidade e cultura que dão embasamento a tal experiência, nova e totalmente visual. Perlin (2006) vai além ao afirmar que:

[...]a experiência na diferença cultural sentida e vivida por aqueles que têm a coragem de serem surdos é mais que dinâmica. O que obriga o surdo a travar lutas pela diferença? O ato de definição de nossa cultura é um espaço contraditório ao ouvinte. A luta pelas diferenças não pode ser explicada por simples oposições binárias, ela é uma estratégia de sobrevivência. A cultura surda existe enquanto estratégia de sobrevivência. A cultura surda existe enquanto estratégia de contra dominação. As estratégias contêm posi-

ções de diferença, de identidade, de cultura, de política que se negocia em diferentes tempos. (PERLIN, 2006, p. 8).

Tais argumentos sendo considerados reforçam a importância do surdo no espaço escolar, não mais como referência para seu par surdo, mas como parâmetro para o ouvinte que reconhecerá uma nova cultura, bem como uma forma inovadora de vivenciar o mundo, contribuindo para desfazer os estranhamentos e abrir novas portas para uma sociedade unificada, que dá oportunidades igualitárias a todos os seus cidadãos, independentes das suas limitações ou diferenças.

1.2.4 OS PARADIGMAS DA VISUALIDADE

De acordo com Campello (2008):

[...] experiência da visualidade produz subjetividades marcadas pela presença da imagem e pelos discursos viso-espaciais provocando novas formas de ação do nosso aparato sensorial, uma vez que a imagem não é mais somente uma forma de ilustrar um discurso oral. O que captamos sensorialmente pelos olhos é apenas uma pista que é enviada aos sistemas neuronais e, posteriormente, esses dados, através de operações mais complexas informam nosso cérebro, produzindo sentido do que estamos vendo. Por isso, as formas de pensamento são complexas e necessitam a interpretação da imagem-discurso. (CAMPELLO, 2008, p.22)

Ferrara (2002) também explana os conceitos de “Visualidade” ao dizer que

A visualidade corresponde à constatação visual de uma referência e, mais passiva, limita-se ao registro decorrente de estímulos sensíveis. A visibilidade, ao contrário, é propriamente semiótica, pois é compatível com a cognição perceptiva como alteridade que caracteriza e desafia a densidade sígnica. A caracterização dessas categorias parece imprescindível para que se consiga enfrentar a dimensão visual enquanto signo. (FERRARA, 2002, p.101).

Esta envolve a relação entre a percepção e a imagem que são modeladas pelas qualidades do signo visual. Estes signos elaborados, bem como as representações das informações registradas e visuais são as referidas “descrições imagéticas” (CAMPELLO, 2008).

Diante de tais paradigmas, que põem de lado toda a discussão linguística e se apega a aspectos estritos duma língua visual, é que se propõe a mudança da denominação “Classificação” ou “Classificador”, dentre outras, para descrição Imagética.

1.2.5 ICONICIDADE

Alguns autores questionam o fato de as línguas de sinais merecerem este status de fato, devido à ideia de arbitrariedade transmitida muitas vezes diante do uso da iconicidade. No entanto, ao retomar as ideias do linguista Saussure (1916), percebe-se que, no desenvolvimento de diversas línguas orais no mundo, este conceito é percebido ao se considerar as ideias de significado, significante e signo linguístico. Um ícone é um signo que é determinado pelo seu objeto dinâmico, em virtude da sua própria natureza interna. No desempenho da função, um signo está dirigido a alguém e cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, ou talvez um signo ainda mais desenvolvido. (Faulstich 2007, p.153, apud Luchi, 2013, p.33,).

Também Strobel e Fernandes (1998, p.7) esclarecem o sentido de iconicidade ao propor que sinais icônicos são *“gestos que fazem alusão à imagem do seu significado”*. Acrescentam ainda que tais sinais *“[não] são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais”*.

Campello cita Cuxac (2001) ao explicar que

[...] Os gêneros discursivos e outros tipos de linguagem são construídos estruturadamente de acordo com a cognição mental dos sujeitos onde se vivem e donde se vêm. A percepção visual e sua cognição visual são construídas de acordo com o que se vê (a iconicidade e seu padrão) e também através da metalinguística e suas atividades que vão se modelando desde criança ou da aquisição de sinais dos sujeitos Surdos adultos. O contrário pode ocorrer no caso das crianças Surdas que criam os sinais de acordo com a especificidade visual que os não-surdos não souberam usar. O saber linguístico é compartilhado e as transferências icônicas são inseridas no cotidiano e acabam gerando um sinal padrão

ou de um tema que acaba permitindo o sentido do sinal padrão, em posição do foco. (CAMPELLO, 2008, p.194)

Compreende-se daí a relação entre pensamento e a projeção deste na expressão dum sinal, com a intenção dos seus parâmetros.

1.2.6 DESCRIÇÃO IMAGÉTICA – DI

Na descrição imagética, que é a mediação entre a imagem e sua representação visual, é possível percebermos uma operação lógica da visibilidade que funciona como uma fronteira existente entre a materialidade do signo visual e a síntese construída por uma mente interpretadora através de transferências que desempenham o papel de mecanismos transdutores (NAKAGAWA, 2006, p.3).

Segundo Campello, o objetivo de tal nomenclatura é

[...]utilizar captação dos sinais visuais, ampliar e exercitar as capacidades mentais e visuais para se comunicar com os Surdos. Todo e qualquer recurso que for utilizado para ajudar na comunicação, a compreensão dos conceitos deverão ser aplicados com naturalidade, e não para modificá-los, mas para auxiliar na compreensão e tradução gramatical visual. (CAMPELLO, 2008, p.209)

Desta forma, o termo se torna mais coerente com o aspecto visual formador do pensamento no sujeito surdo, abrangendo características linguísticas que reforçam seu status.

1.3 A IMPORTÂNCIA DA LSB PARA A INCLUSÃO SOCIAL

O desconhecimento e a falta de informação relacionados à Língua de Sinais geram uma problemática na comunicação entre surdos e ouvintes, o que se apresenta como uma barreira no atual processo inclusivo. Os surdos anseiam por algo que atenda às suas necessidades específicas, porém o que lhes é oferecido está bem aquém das suas perspectivas. Ao redor do mundo existem minorias lingüísticas que são invisíveis na maioria das vezes, pois a sua língua natural não é levada em consideração quando

equiparada à língua oficial dum país. No que tange aos surdos, a imposição de uma segunda língua que não é de sua escolha tem criado conflitos e desentendimentos por partes dos envolvidos. O ensino da LSB para crianças desde a Educação Infantil, e os resultados colhidos a partir de pesquisas nessa área¹² podem contribuir de forma significativa na inserção e aumento de acessibilidade para a comunidade surda, além de criar a cultura da inclusão em contraposição a cultura da exclusão.

1.4 MOVIMENTOS SOCIAIS E DEMOCRACIA PARTICIPATIVA

Os Movimentos Sociais ao redor do mundo se apresentam como importante contribuição para a emancipação social e desenvolvimento político, fazendo parte de uma Democracia Participativa, ou seja, que abrange todas as áreas de necessidade na sociedade atual. Como parte de tal objetivo está a educação democrática que, de acordo com Costa (2005)

[...] parece se constituir como alternativa para a superação da deficiência como obstáculo para o acesso e permanência na escola pública dos alunos e na possibilidade de se organizar uma sociedade justa e humana. (COSTA, 2005, pag.91)

Muito embora tratemos a surdez não como uma deficiência, mas antes como uma forma de identidade, tais palavras expressam bem o anseio por uma sociedade igualitária e justa de fato.

Os Movimentos sociais dos Surdos têm etapas e objetivos diferentes, mas a organização e a meta coletiva eram e ainda são únicas. Como expresso por Diani (1992)

[...] os movimentos sociais consistem em um amplo processo pelo qual diferentes atores, sejam indivíduos, grupos informais, ou organizações, constroem, através das ações conjuntas ou comunicações compartilhadas, uma definição comum sobre eles pró-

¹²O ensaio sob o tema: “O ensino da língua Brasileira de sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na psicologia histórico-cultural” de Marques, Barroco e Silva, mestra e doutoras em educação, é um exemplo de pesquisa nessa área. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382013000400003&script=sci_arttext

prios como partes de um mesmo lado em um conflito social.” (DI-ANI, 1992, p. 2)

No entanto, na perspectiva política, como resposta ao governo pela negligência da educação dos Surdos, os movimentos sociais que os mesmos engajaram, de 2010 a 2013, como expressão de sua revolta quanto inserção dos alunos surdos em classes regulares, promoveram ações conjuntas para melhorar a educação e formação dos professores Surdos de acordo com a proposta da Política Nacional de Educação – PNE, onde a comunidade surda conseguiu a inserção na meta 4 da garantia às famílias e aos surdos do direito de optar pela modalidade de ensino mais adequado para o seu pleno desenvolvimento

Tal movimento social foi fundamental na intenção da construção de um trabalho em favor da inclusão da disciplina da LSB como segunda língua para os ouvintes, atualmente obrigatória apenas em alguns cursos do Ensino Superior. Na proposta de emendas substitutivas apresentada pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS, de 2011 a 2020, encontramos o seguinte:

O Movimento Surdo em Favor da Educação e Cultura Surda está articulado por uma Comissão Geral e comissões regionais em todos os estados brasileiros. Essas comissões constituídas, em sua maioria, por surdos possuem também ouvintes que apoiam os surdos e vêm lutando para que eles tenham suas reivindicações atendidas. Nessas comissões, há surdos e ouvintes com formação acadêmica em diversas áreas tais como Educação, Linguística, Psicologia, Fonoaudiologia, Serviço Social, sendo muitos doutores e mestres, professores de universidades, faculdades e de escolas da educação básica e de indígenas; instrutores e intérpretes de Libras; diretores e associados da federação, de confederações esportivas e das associações de surdos e familiares. Portanto, todas as pessoas que fazem parte desse movimento estão diretamente envolvidas com a educação, cultura, identidade e língua dos surdos brasileiros que vivem nos centros urbanos, municípios ou em aldeias indígenas. (2011, p.25)

Um exemplo recente de movimento social por parte do povo surdo foi o acontecido no dia 17 de março de 2011. A Convenção Internacional sobre Direitos das Pessoas com Deficiência reconhece a importância da Língua de Sinais e da Cultura Surda desde 2009. No entanto, a Diretora da Política de Educação Especial, em Brasília, Martinha Clarete Dutra dos

Santos, não concordou com a continuação da escola especial do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), fazendo um comunicado a toda comunidade escolar que o Colégio seria fechado até o final de 2011 e os alunos surdos transferidos para escolas regulares. No entanto, a Diretoria de Políticas de Educação Especial não ofereceu oportunidade para os líderes brasileiros surdos explanar suas propostas, interferindo no o exercício da Democracia. Tal atitude intolerante, fez com que os surdos se sentissem relegados a guetos, o que gerou grande confusão e muitos conflitos Nelson Pimenta, professor efetivo do INES e conhecido líder surdo, muito revoltado, criticou o fechamento do INES, pois este representa um marco histórico muito importante da comunidade surda e na educação de surdos no Brasil. Gravou então um vídeo no youtube, que se tornou disponível no dia 24 de março de 2011 para o Brasil e o mundo.

A Diretora Martinha Claret não respeitou o pedido dos delegados, quanto a inclusão da seguinte emenda ao documento do CONAE 2010, que seria a base para o Projeto de Lei do PNE:

Garantia às famílias e aos surdos do direito de optar pela modalidade de ensino mais adequado para o pleno desenvolvimento linguístico, cognitivo, emocional, psíquico, social e cultural de crianças, jovens e adultos, garantindo o acesso à educação bilíngue – utilizando a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a língua portuguesa. (CAMPELLO, REZENDE,2014).

O movimento Surdo e representantes de FENEIS empreenderam uma luta de cerca de três anos, para defender as escolas e o direito a educação bilíngue para surdos, conquistando a defesa da proposta da inclusão das escolas bilíngues para surdos no Plano Nacional de Educação – PNE. Esta foi sancionada pela Lei 13.005/2014, durante o exercício de governo da Presidente da República de Brasil, Dilma Roussef. Mas nada acontece sem lutas, e os surdos estão "gritando" para garantir um espaço que já é de direito, mas que tantas vezes lhes é negado ou suprimido.

1.5 A PROBLEMÁTICA DA COMUNICAÇÃO

A Língua de Sinais Brasileira, a partir do Decreto nº 5.626, de 22/12/05, passou a ser grafada *Libras*, e não mais *LSB*, como constava na

Lei nº 10.436, de 24/04/02 (regulamentada pelo referido Decreto). No entanto, alguns linguistas escrevem LSB – Língua de Sinais Brasileira, pelo fato do termo “*língua de sinais*” constituir uma unidade vocabular, ou seja, funcionar como se as três palavras (língua de sinais) fossem uma só¹³, seguindo o mesmo critério em relação às disciplinas acadêmicas: Língua Portuguesa (língua portuguesa), Espanhol (espanhol), Economia (economia), Direito (direito), Psicologia (psicologia) etc. (SASSAKI, 2005). Por respeito ao povo Surdo, a quem desejamos auxiliar e promover, tanto por razões humanitárias quanto de consciência social, cidadania e questão política, utilizamos o termo *Libras*. Por questão linguística, no meio acadêmico usamos LSB.

Atualmente é necessário discutir a problemática da inclusão no Brasil. É preciso promover a implementação de uma política de comunicação entre grupos diferentes que convivem no mesmo espaço social, ou seja, ouvintes e surdos. Uma interação linguística cultural, a LSB – Língua de Sinais Brasileira, para comunicação exclusiva com os ouvintes seria de real importância. Neste século XXI, o sistema da política linguística da área de Libras ainda está evoluindo, tendo várias resistências, muitos desafios e algumas conquistas. A comunidade surda está em luta constante pelo cumprimento de todos os capítulos do decreto 5.626/05, que regulamenta a Lei de Libras. A mesma, já acima citada, já está em vigor há bastante tempo (BRASIL, 2002), mas a maioria dos cidadãos ainda a desconhece e confunde a LSB com Braille - código para cegos - moeda inglesa, e signo do zodíaco. Porém, ela é a primeira língua para o sujeito surdo, sua língua natural. Segundo Quadros e Karnopp

“[...]As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela lingüística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua

¹³Para cada “língua de sinais” existente no mundo, grafa-se o nome destas com todas as letras iniciais em maiúsculo (quando o consideramos nome próprio) ou com todas as letras iniciais em minúsculo (quando o consideramos um termo comum). Exemplos: Língua de Sinais Brasileira (língua de sinais brasileira), Língua de Sinais Americana (língua de sinais americana), Língua de Sinais Mexicana (língua de sinais mexicana) etc.(SASSAKI, 2005,p.8

genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.”(2004, p.30).

Até bem pouco tempo, a maioria dos brasileiros não sabia da existência da LSB, diante da sua invisibilidade, devido à falta de valorização e divulgação¹⁴, quando comparada a qualquer língua oral; bem como no que tange a visão antropológica, que respeita a diferença cultural linguística do sujeito surdo (CAVALCANTI, 1999, p.388). Em nosso país, é comum as pessoas receberem informações de relevância através dos principais veículos de comunicação, a saber: televisão, jornal, rádio, dentre outros. Dessa forma tem se inteirado da existência de determinadas leis, como a regulamentação da LSB, bem como o fato de existirem surdos distribuídos por todo o território brasileiro, embora estes sejam uma minoria.

O decreto de 5.626/2005 (BRASIL, 2005) que trata do papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e difusão da LSB, não é cumprido plenamente, e esses espaços não se mostram preparados para receber surdos em suas instâncias. Funcionários e/ou atendentes de repartições públicas, por não terem conhecimento quanto à diferença linguística e cultural de tais sujeitos, se sentem temerosos de, ao menos, tentar se comunicar com os mesmos.

Temos visto recentemente um forte movimento a favor da inclusão de alunos com deficiência. Mas, aqui trataremos de um público específico: os surdos. Embora tal movimento busque garantir o acesso do aluno surdo às escolas regulares, percebe-se que os resultados ainda não são dos mais satisfatórios. É notório o fato de que escolas e professores ainda não estão preparados para receber esses alunos, nem tampouco se vê resultados positivos para a sociedade, no que tange a inclusão. Os surdos continuam excluídos, devido à falta de reconhecimento da língua e à ausência do intérprete nos diversos espaços sociais, o que gera problemas na comunicação. De acordo com Skliar (1998), para uma educação democrática de fato é preciso a criação de políticas linguísticas, de identidades e cultu-

¹⁴Falta um maior interesse e vontade política quanto a disseminação desse conhecimento.

rais no processo educacional para surdos. Segundo ele, tais políticas devem considerar:

A potencialidade da aquisição e desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua; a potencialidade de identificação das crianças com seus pares e com adultos surdos; a potencialidade do desenvolvimento de estruturas, formas e funções cognitivas visuais; a potencialidade de uma vida comunitária e de desenvolvimento de processos culturais específicos; e por último, a potencialidade de participação dos surdos no debate lingüístico, educacional, escolar, de cidadania... (SKLIAR, 1998, p.26)

Ao refletir a respeito de políticas linguísticas voltadas para os surdos no Brasil, e observar que há a desvalorização de culturas minoritárias, não apenas a cultura surda, mas de outras também, chega-se a mesma conclusão que Fernandes:

Pensa-se que no Brasil todo falante adquire a Língua Portuguesa como primeira língua (L1). Ignora-se, portanto, que temos falantes de famílias imigrantes (japoneses, alemães, italianos, espanhóis, etc.), que temos as várias comunidades indígenas que falam várias línguas nativas (mais de 170 línguas indígenas de famílias totalmente diferentes) e, também, — falantes, digo, — sinalizantes da língua de sinais brasileira (os surdos e familiares de surdos brasileiros). Todas estas línguas faladas no Brasil, também são línguas brasileiras caracterizando o país que o Brasil realmente é, um país multilíngue... (FERNANDES, 2008, p.27)

Então, por que não fazer o caminho inverso? Ao invés de colocar o aluno surdo na escola regular para depois a escola tentar se preparar, seria muito mais eficaz preparar a comunidade escolar, como um todo, para ter condições de se comunicar e recebê-lo. De tal hipótese nasceu a ideia principal deste projeto, ou seja, que assim como o aluno ouvinte aprende uma segunda língua para ser um sujeito bem-sucedido em uma sociedade globalizada, é possível aprender a se comunicar com os sujeitos surdos que vivem nesta mesma sociedade. Faz-se necessário formar um indivíduo mais completo e atuante socialmente, e isso se referindo ao ouvinte e não ao surdo. O que precisamos para efetivação desta proposta é oferecer a aprendizagem do principal meio da comunicação dos surdos, que é a LSB. Como disse Muniz Sodré *“Os homens não são iguais nem desiguais. Os homens, seres singulares, coexistem em sua diversidade”*(2006, p.11). Temos que respeitar o surdo que, enquanto sujeito visual, ainda é como qualquer outro. Segundo Pletsch e Carvalho, *“o ‘outro’ é todo e qual-*

quer indivíduo ou grupo de indivíduos que tratamos como sendo os 'diferentes'" (2011, p.3).

Dados do IBGE, coletados em 2010, revelam a quantidade expressiva de pessoas com perda da audição no Brasil, a saber, 9,5 milhões. Não é possível determinar, através de tal pesquisa apenas, a quantidade exata de surdos no país, tendo ou não uma Identidade Surda declarada, pois não existem amostragens específicas nem uma metodologia apropriada para esse fim. Ainda assim, diante de tais números, podemos afirmar a necessidade de uma política voltada para o investimento e superação das grandes dificuldades que tais sujeitos têm vivenciado no decorrer da história. Os surdos permanecem sendo uma minoria, o que impede a sua visibilidade. Segundo Cavalcanti (1990), a maioria das pessoas não conhece a Libras, pelo fato desta língua ser utilizada por uma minoria, a comunidade surda; o mesmo ocorre com índios, japoneses e imigrantes, dentre outros grupos, que usam uma língua estrangeira. Junte-se a isso o fato de que a maioria das pessoas desconhece esta realidade, diferentemente das demais deficiências, as quais são notadas com maior facilidade, como por exemplo, um cadeirante, um cego, um paralisado cerebral, dentre outros. O sujeito surdo não é identificado em um primeiro momento, haja vista que, em comparação com um ouvinte não há diferença visualmente explícita. Os surdos passam despercebidos, quando não precisam se comunicar, pois não é possível, na maioria dos casos, se identificar prontamente tal deficiência/diferença. Porém, com a ajuda de tais estatísticas, podemos nos colocar em estado de alerta com o intuito de criar e efetivar políticas voltadas para o atendimento às necessidades deste grupo.

Muitos profissionais da área educacional e social ainda estão presos à visão clínica de surdez, onde o indivíduo precisa seguir um modelo ouvintista imposto pela sociedade, já que este se constitui como maioria. É preciso desconstruir essa visão, defender o surdo enquanto sujeito com uma identidade própria e não como cópia de um modelo totalmente diferente de sua realidade (SKLIAR, 1997). Faz-se necessário aceitar o sujeito surdo com suas diferenças.

1.6 OS SURDOS: ANSEIOS X REALIDADE

No ano de 1999, dias 20 a 24 de abril, aconteceu em Porto Alegre/RS o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos, realizado no salão de atos da reitoria da UFRGS. Como parte dessa trajetória repleta de lutas, Surdos brasileiros encaminharam um documento com o tema 'A EDUCAÇÃO QUE NÓS SURDOS QUEREMOS', ao pré-congresso. Ao final do Congresso, o mesmo foi encaminhado à Secretaria de Educação, em Brasília. Tal documento teve por base o Título I, artigo 1, inciso. IV da Constituição, que assume ser um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: "*promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação*". Daí, podemos considerar que um indivíduo que não tem suporte em uma sociedade para estabelecer um mínimo de comunicação está sendo discriminado; e se ele não consegue se comunicar como poderá lutar pelos seus direitos? Como poderá exercer os seus deveres, a sua cidadania? Algo precisa ser feito para garantir a esse indivíduo uma plena participação na sociedade enquanto cidadão atuante.

O Jornal Nacional, apresentado no dia 21 de maio de 2015, trouxe mais uma vez uma notícia polêmica para a comunidade surda. Falaram a respeito de cerca de 10 milhões de brasileiros com algum tipo de perda de audição, citando que a sociedade não está preparada para incluir os cidadãos surdos. O repórter, devido a falta de informação mais abrangente, não apresentou a pesquisa da forma devida. Tal matéria chama atenção para três meninas surdas implantadas que vivem normalmente; também apresentou 2 (duas) situações diferentes onde pessoas surdas, no cotidiano, enfrentam dificuldades: aeroporto e escola. De acordo com a matéria, basta apenas que os surdos passem por um procedimento cirúrgico para a realização do implante coclear e, milagrosamente, todos os seus problemas relacionados a exclusão estarão resolvidos.

Na verdade, muitos surdos brasileiros já fizeram tal cirurgia, sem sucesso. Há depoimentos de surdos nas redes sociais desabafando a respeito do IC (Implante Coclear). Os surdos demonstram suas angústias e stress diante

de tal situação. De forma que a Mídia transmitiu, a meu ver, informações distorcidas e enganosas para as pessoas que estavam assistindo. Foi explicado que o governo, desde 1999, oferece o IC e todos os benefícios, sem custos para os interessados. A reflexão que faço, então é: porque o governo parece se interessar apenas pela visão clínica da surdez? Porque, não analisa a visão antropológica? Tal distorção não é novidade, já faz parte da realidade dos surdos desde a muito. Os profissionais da área de surdez e de linguística estão cientes de que essa forma de ver o surdo não ajudou na evolução da sua vida em sociedade; ao contrário, prejudicou a vida dos mesmos, por serem obrigados a sobreviver sem sua língua natural, a de sinais.

Ainda mais absurdo foi o repórter afirmar que a vida do surdo sem IC, fica mais difícil. De acordo com suas palavras:

“Sem o implante, a vida de quem não escuta fica muito mais difícil, principalmente porque a nossa sociedade não está preparada para incluir os surdos. Por exemplo, num aeroporto: bem na hora do embarque, o sistema de alto falantes anuncia: 'O seu embarque mudou do Portão 2 para o Portão 7'. Sem essa informação, você provavelmente perderá o seu voo.”

É fato que em alguns casos surdos perderam seus voos por não escutar. Mas isso implica no “milagre” do IC para escutar, como se isso fosse resolver todos os seus problemas? Nesse sentido, concordo com a ideia expressa por Rezende (2012, p.74) quando esta expõe a realidade que os surdos enfrentam, ao dizer que:

“Os discursos lançados e produzidos podem ser capazes de engessar sentidos, influenciando ações e medicalizando o ser surdo. Porém, não tomo esses discursos como apontamentos de verdade sobre o corpo surdo, mas como práticas medicalizadoras do ser surdo.” (2012, p.74)

Porém, por que tais práticas são produzidas? Rezende segue citando Foucault (2006), para trazer uma possível resposta a tal situação:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominarem seu acontecimento aleatório, esquivar sua

pesada e temível materialidade. (Rezende 2012 *apud* Foucault 2006, p.8-9)

Percebe-se assim que certas informações divulgadas pela mídia são truncadas e provocam apenas mais visões negativas relativas ao surdo, sua língua e sua cultura. Os funcionários de aeroportos, bem como de quaisquer outros setores da sociedade devem sim fazer uma capacitação em LSB – Língua de Sinais Brasileira - e ser orientados a dar as informações necessárias aos clientes, independente de quem sejam estes. Devem ser feitas adaptações para os surdos, por exemplo, colocando legendas, informando as mudanças de setor, de horário, etc. Tal adaptação sim tornaria os serviços em tais espaços mais eficazes. A outra situação apresentada é a da escola, onde não tem intérprete na sala de aula na qual há a presença de aluno surdo. Segundo o mesmo repórter:

Dentro da escola a consequência da exclusão é mais grave. Os alunos com audição normal conseguem acompanhar a aula toda, mas quem não escuta bem tem dificuldade mesmo com o aparelho no ouvido. Toda vez que a professora se vira para o quadro, o tom de voz fica mais baixo e o aparelho não consegue captar. E essa parte da explicação, já foi perdida.

Existem soluções: um microfone transmite a voz do professor diretamente para o aparelho auditivo. Onde há alunos com surdez profunda, é fundamental a presença de um intérprete de libras, a Língua Brasileira de Sinais. É lei. Mas nem toda escola tem um.

Neste momento há a compreensão das dificuldades resultantes da ausência do Intérprete, mas a falha está na Lei e no sistema, não na surdez. Ainda prevalece a preocupação com audição? Os surdos têm obtido conquistas reais. Por que a mídia só apresenta então o lado negativo da vida dessas pessoas? São apenas estes que enfrentam barreiras no dia a dia, por culpa de uma dita “deficiência”? Por que não mostram que já, no Brasil, temos doutores, e mestres surdos, além de outros que são atuais mestrandos? Por que não mostra a grande quantidade de professores universitários surdos? Tem muito mais coisas positivas. Prova disso, são os movimentos surdos, que tem gerado uma mudança de olhar por parte de alguns mais dispostos a inovações. Rezende (2012), continua, reforçando tal ideia:

“Contrariando os muitos discursos produzidos sobre a normalização surda, há uma insurreição das resistências surdas. Os surdos usam as línguas de sinais e organizam movimentos, passeatas e debate pelo direito de usar a língua de sinais em todos os espaços e de produzir a sua cultura surda por meio do teatro, das artes, das piadas, das histórias e das literaturas. São embates e resistências contra a opressão e a depreciação do seu modo de viver e respirar a cultura surda e a língua de sinais. A inversão epistemológica é a estratégia da resistência surda; uma resistência que produz outros significados: não os da norma da soberania ouvinte.” (2012, p. 152)

Por tal motivo, faz-se urgente uma transformação na mentalidade de outros setores da sociedade. Para que isso aconteça, o contato com a LSB é de extrema importância e deve acontecer o mais cedo possível, preferencialmente a partir da Educação Infantil, a fim de que a criança desenvolva consciência da existência de indivíduos surdos e de sua diferença linguística, podendo mais tarde se tornar um indivíduo bilíngue capaz de se comunicar em diferentes locais e situações de sua vida em sociedade. Para exemplificar essas afirmativas, podemos citar: atendimentos médico, bancário, policial, dentre outros onde, caso estes profissionais fossem bilíngues ou multilíngues e dominassem LSB, o atendimento poderia ser feito diretamente, sem a necessidade da intermediação de um tradutor/intérprete. Não postulamos aqui que o profissional tradutor/intérprete não será mais necessário em uma possível sociedade bilíngue/multilíngue, pois sabemos de sua importância. No entanto, os mesmos poderão continuar atuando em situações específicas como em palestras, escolas e outros espaços. Nossa maior preocupação é a inclusão social; o não estar bem preparado para conversar com os surdos.

O decreto 5.626/2005, no Cap. II, apresenta a inclusão da LSB da seguinte forma:

Art. 3ºA Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são

considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

Tal decreto, além de estar sendo cumprido lentamente, apresenta-se insuficiente, pois não se oferece o aprendizado da LSB em outras áreas como Medicina, Enfermagem, Direito, dentre outras, a fim de tornar mais amplo o atendimento aos surdos, sendo ela considerada apenas como optativa.

Outra questão são os filhos ouvintes de pais surdos, que deixam de ser acompanhados porque os mesmos não têm nenhuma acessibilidade na escola. Não demonstra isso falta de responsabilidade por parte dos pais, e sim a dificuldade de manter o diálogo, para estarem cientes do desenvolvimento do filho, prejudicando assim toda a dinâmica familiar. Com efeito, a sociedade não deve preocupar-se apenas com o ambiente escolar e com seus espaços, mas também com as famílias e as diversas instituições públicas onde os surdos precisam ter acesso, e refletir em tudo o que eles estão perdendo por conta desta grande barreira na comunicação.

Já está na hora de investirmos em uma sociedade diferente neste novo milênio, promover urgentemente um novo sistema para a comunicação. Em outras sociedades, como nos Estados Unidos, por exemplo, já existem vários profissionais preparados para receber os surdos. A possibilidade de ser atendido por um profissional que domine a língua de sinais é cada vez maior e continua crescendo, e isso se deve por conta do respeito à língua, à cultura, enfim, aos surdos. O mesmo busca-se fazer aqui no Brasil, para que possamos em um futuro breve, da mesma forma, ser um modelo de sociedade, ser um país que investe e valoriza as minorias, que considera a todos como participantes de uma sociedade que tem tudo para progredir. As ideias estão todas circulando, só tem que ser postas em práticas.

1.7 LÍNGUA DE SINAIS: O BRASIL E O MUNDO

A partir de 1957, Stokoe, doutor em Linguística, iniciou uma pesquisa sobre a Língua de Sinais Americana (ASL) e concluiu que aquela, bem como as demais Línguas de Sinais existentes no mundo são línguas como

outras quaisquer, com um diferencial apenas: estas são espaço/visual enquanto as outras são oral/auditivas. Conforme já citado, a Língua Brasileira de Sinais (Libras/LSB) foi reconhecida pela Lei 10.436 de 24/04/2002 e regulamentada pelo decreto 5626 de 22/12/2005. Esta possui elementos constitutivos de itens lexicais que se estruturam a partir de mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, apresentando especificidades, por conta da sua modalidade espaço-visual, no entanto seguindo os princípios básicos gerais a todas as línguas. Tais princípios, ou parâmetros, permitem a criação de um número infinito de construções de frases pela articulação de um número finito de regras.

No mundo inteiro, para cada país há uma ou mais línguas oficiais. Por exemplo, o Canadá tem duas línguas oficiais: o inglês e o francês. Aqui no Brasil, tem uma língua oficial, e a LSB, que já é reconhecida como língua, mas não consideramos como oficial, pois o seu uso não é obrigatório. Quando um país tem uma língua oficial, ele é chamado monolíngüe; com duas línguas, bilíngüe; acima de três, polilíngüe. Todos os países possuem também minorias lingüísticas; na maioria das vezes são imigrantes que continuam usando a língua dos seus ancestrais, por terem orgulho de sua etnia. Os Surdos não se enquadram nesse grupo, pois eles geralmente nascem em famílias de pais ouvintes, cuja língua oficial é a do país, de forma que não lhes é passada sua língua-mãe como herança de família. Isso está de acordo com Felipe, que explica:

“Em todos os países, os Surdos são minorias lingüísticas como outras, mas não devido à imigração ou à etnia, já que a maioria nasce de famílias que falam a língua oficial da comunidade maior, a qual também pertencem por etnia; eles são minoria lingüística por se organizarem em associações onde o fator principal de integração é a utilização de uma língua gestual-visual por todos os associados. Sua integração está no fato de terem um espaço onde não há repressão de sua condição de Surdo, podendo expressarem-se da maneira que mais lhes satisfazem para manterem entre si uma situação prazerosa no ato de comunicação”. (FELIPE, 2007 p.246)

Felipe (2007) também trata da questão do bilingüismo, distinguindo o social do individual:

O primeiro é quando uma comunidade, por algum motivo precisa utilizar duas línguas, o segundo é a opção de um indivíduo para aprender outra língua além da sua materna. Geralmente os membros das minorias lingüísticas se tornam indivíduos bilíngües por estarem inseridos em comunidades lingüísticas que utilizam línguas distintas. (p.245)

Ao Surdo geralmente não é dada a oportunidade de adquirir a Libras como L1 e a Língua Portuguesa como L2; costuma haver uma imposição social para que aprenda a Língua Portuguesa, já que a mesma é a primeira língua tornada oficial. De forma que o Surdo não aprende voluntariamente, mas é pressionado. Já os ouvintes fazem a aquisição da língua de forma totalmente diferente, pois todas as informações adquiridas desde a infância são em Língua Portuguesa e só depois que tem uma melhor compreensão de mundo é que escolhem sua segunda língua. É fato que o Surdo pode optar por adquirir outra língua, uma terceira, ou mais se assim desejar, podendo escolher ASL – American Sign Language; LSF – Língua de Sinais Francesa; inglês ou outra qualquer. Mas, a questão em pauta é que ao ouvinte isso não é imposto.

Até o presente momento, aqui no Brasil, os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais – não assumem a Libras como primeira língua para o surdo e segunda língua para ouvintes, com o mesmo status de uma língua estrangeira. Isso se deve justamente ao fato de não haver uma lei que a regulamente enquanto disciplina obrigatória nos currículos escolares de uma forma geral. Não se possui uma portaria para instruir quanto à aplicação da mesma, embora a disciplina de Libras exista já em diversas universidades, sendo disponibilizada a alunos jovens e/ou adultos, devido às exigências no decreto que a regulamenta.

Com base em leis mais recentes, as universidades tem imposto aos graduandos ouvintes cursarem a disciplina de Libras, permanecendo na universidade por 4 (quatro) anos sendo que, em quase todas há apenas um único período de ênfase a ela, seis meses, sendo insuficiente para desenvolverem a fluência na língua em questão. Do modo como o assunto é abordado atualmente não se percebe um interesse nivelado da parte dos alunos em aprender a disciplina. Isto pode ocorrer devido ao fato de que alguns não têm tempo disponível; outros por sentirem mais dificuldade. Jun-

te-se a isso o fato de que alguns não têm interesse ou aprendem muito pouco. Falando realisticamente, não é fácil encontrar uma turma em que todos tenham interesse em aprendê-la. Sendo assim, mudar o foco e modificar a metodologia, objetivando estimular as crianças para essa aprendizagem, pode ser uma estratégia a seguir que propicie resultados mais positivos.

1.8 O ENSINO DA LSB PARA CRIANÇAS OUVINTES – UM CAMINHO A SER EXPLORADO

A experiência como professora universitária há 10 anos em duas universidades privadas, uma estadual e duas federais, me fez refletir sobre várias questões: Por que a disciplina de Libras deve se restringir apenas aos cursos anteriormente citados? E por que esperar? E quanto ao ensino médio e o ensino fundamental? E, por que não dizer, à educação infantil? Já está comprovado, através de vários estudos, que crianças e adolescentes tem muito mais facilidade para adquirir uma nova língua do que os adultos. Ademais, vale à pena refletir sobre a facilidade da comunicação entre as crianças, ao contrário do adulto, pois a maioria destes ao aprender uma nova língua nem sempre consegue comunicar-se plenamente através desta. Então, por que começar pelo caminho mais difícil? Junto com o aprendizado de uma nova língua estaria sendo trabalhada a questão da sensibilização e aceitação do diferente, formando uma sociedade com indivíduos mais conscientes e justos.

Podemos chegar a ter resultados significativos com a implementação da disciplina de Libras na Educação Infantil, ação que poderá beneficiar muito a vida dos surdos em toda a sociedade brasileira, promoverá a qualidade de vida, garantirá mais acesso à comunicação e mais facilidade em todas as áreas, familiar, educacional, emocional, social, entre outras. Faz-se necessário que todos os professores, educadores, profissionais que atuam nas escolas, universidades, e quaisquer outras instituições, onde não há nenhum surdo, aprendam Libras, independente da presença deste, assim como para aprender o inglês e o espanhol, independe-se da presen-

ça de falantes naturais dessas línguas. Essa seria a real preparação, antes, e não apenas na hora em que a situação exige. Não podemos nos preocupar apenas com a capacitação de profissionais adultos para atender aos surdos. Devemos incentivar as crianças ouvintes a crescerem mostrando respeito ao outro, um processo natural.

No Brasil, em todas as escolas regulares, particulares ou públicas, há o oferecimento de uma língua estrangeira, ainda que oral, como parte imprescindível de sua grade curricular. O mesmo não acontece com a Língua Brasileira de Sinais. Elaborar um material didático de Libras em forma de DVD para aulas e oficinas, focado nos alunos ouvintes, com o intuito de que aprendam a língua de sinais, facilitando o diálogo com o/a professor/a surdo/a, pode estimular a consolidação de uma sociedade inclusiva de verdade.

Crianças ouvintes devem entrar em contato com surdos o mais cedo possível, lhes permitindo assim usufruir do contato com a sua língua desde a tenra idade, proporcionando-lhes a oportunidade de se tornarem fluentes nela, ao passo que se desenvolvem. A curiosidade intrínseca das crianças permite que estas demonstrem maior interesse pelo novo, diferentemente dos adultos. Os alunos precisam aprender a respeitar o sujeito surdo, bem com suas diferenças, conforme nos aponta a visão antropológica, e não a deficiência, como na visão clínica. Há a expectativa de grande parte do povo surdo, com as suas lutas por uma sociedade inclusiva, que é levar esta proposta para o porvir, criando uma estrutura curricular de ensino da Libras, com a possibilidade de obrigatoriedade, como são algumas línguas orais citadas anteriormente, para todos os alunos ouvintes nas escolas regulares e inclusivas.

Atualmente, apenas algumas escolas em todo o Brasil oferecem oficina de LSB para os alunos ouvintes, embora existam vários projetos. Por exemplo, Roa (2012), defendeu em sua dissertação de mestrado, pela Universidade Federal de São Paulo, o seguinte tema: *“Libras como segunda língua para crianças ouvintes: fator possível de inclusão social”*. O seu projeto consistiu em aulas ministradas a cerca de 17 alunos ouvintes, com a presença de uma professora surda que lhes dava noções da LSB. Segundo Roa, a idéia central seria a inclusão ao contrário, ou seja, iniciando com

crianças ouvintes desenvolvendo outro olhar para com o par diferente. Ela levou o sujeito surdo ao espaço onde os ouvintes teriam contato e aprenderiam com ele, compartilhando da sua língua, a de sinais. As crianças ali presentes absorveram as informações de forma rápida e prazerosa, através de uma rica experiência visual. Foi um trabalho muito enriquecedor, cheio de dados positivos que poderiam levar a implementação da disciplina de Língua de Sinais Brasileira nas escolas regulares.

Ampliar os estudos de Roa, focando na importância da inserção da Libras como disciplina obrigatória e meio pedagógico de apreensão dos demais conteúdos curriculares pode ser de grande valor para a interação de ouvintes e surdos. Inúmeros fatos mostram a importância de se divulgar a LSB, apresentar seu aporte linguístico, enquanto língua natural do surdo. Desde então, já se passaram anos desde a oficialização da LSB, e, no entanto, esta ainda é pouco conhecida pela sociedade em geral. Na verdade, a mesma existe há mais de 100 (cem) anos, porém como fora proibida durante muito tempo, conforme percebemos ao pesquisar a história, tornou-se alvo de estranhamento e foi deletada como meio de comunicação em círculos sociais, como na família e escola, dentre outros. Se ao invés de discorrermos apenas sobre a surdez e suas diversas abordagens, abrangermos a utilização da LSB no ensino de crianças e jovens ouvintes, poderemos contribuir mais significativamente para a difusão e reconhecimento dessa língua em nossa sociedade.

1.9 CONTEXTO DA PESQUISA

Cunha (2006) reconhece que "tanto os alunos, como os professores, são sujeitos da prática pedagógica e, mesmo em posições diferentes, atuam como sujeitos ativos das suas aprendizagens" (CUNHA, 2008, p.27). , A sala de aula é o lugar onde comumente isso acontece, conforme explicitado por Brandão (1986):

Na dinâmica cotidiana da sala de aula e mesmo da vida da escola, este conjunto absolutamente ordenado, regrado e criativo de práticas escolares, autônoma e transgressivamente pedagógicas, interagia com as "atividades planejadas". Em boa medida, sempre

foi da interação justamente entre este lado livre e permissivo da iniciativa discente, e os mecanismos pedagógicos de controle docente, que a própria vida real da escola se cumpria como uma realidade social e culturalmente existente, e não apenas pedagógica e formalmente pensada.(p. 119).

Diante de tais argumentos é que, a seguir, são apresentados espaço e figurantes da pesquisa.

1.9.1 A ESCOLA

O local escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi a Escola Pública Municipal Ernani Moreira Franco, situada no município de Niterói – RJ, no seguinte endereço: Rua Bonfim, S/N, Fonseca. CEP: 24140-010. Tel.(21) 3603-8241.E-mail para contato: sernani@educacao.niteroi.rj.gov.br.

De acordo com o Censo escolar de 2012, a escola possui as seguintes etapas de ensino:

- Educação Infantil:
Creche;
Pré-escola;
- Ensino Fundamental (1º e 2º seguimentos).

Quanto a infraestrutura, é possível encontrar:

- Água filtrada;
- Água da rede pública;
- Energia da rede pública;
- Esgoto da rede pública;
- Lixo destinado à coleta periódica;
- Acesso à Internet banda larga;

Em termos de dependência encontramos:

- 15 salas de aulas, Sala de diretoria, Sala de professores, Laboratório de informática, Sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), Cozinha, Biblioteca, Parque infantil, Banheiro dentro do prédio, banheiro adequado à educação in-

fantil, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida.

Equipamentos que fazem parte do patrimônio escolar:

- TV
- Videocassete
- DVD
- Copiadora
- Retroprojeter
- Impressora
- Projetor multimídia (data show)
- Câmera fotográfica/filmadora

1.9.2 COLABORADORES

A dinâmica utilizada em sala de aula envolveu 7 (sete) alunos do 4º ano, na faixa etária de 10 e 11 anos, sendo 5(cinco) do sexo masculino e 2(dois) do sexo feminino, sem conhecimento de LSB, nem tampouco contato com surdos. A escola possui 3 (três) turmas bilíngues:

- Do 1º ano fazem parte 6 (seis) alunos surdos e 3 (três) profissionais, sendo um professor regente, um professor de Libras e um professor de apoio.
- No 2º ano encontramos 7 (sete) alunos surdos e 3 (três) profissionais, sendo um professor regente, um professor de Libras e um professor de apoio.
- O 3º ano tem 10 (dez) alunos surdos e 3 (três) profissionais, sendo um professor regente e dois professores de apoio.

1.9.3 A ESCOLHA DOS COLABORADORES

Como auxiliares estiveram presentes os seguintes colaboradores:

- a professora bilíngue e intérprete, Monique Coutinho, com formação em Letras\Português;

- A professora bilíngue Estael do Amaral Nolasco, também aluna de Pedagogia no DESU¹⁵ do INES;
- A pedagoga bilíngue, formada pela faculdade Plínio Leite, Telma Regina Gonçalves de Oliveira.
- O cinegrafista, fotógrafo, editor audiovisual e apresentador, Renato de Araújo Nunes, formado em Letras/Libras, que atualmente trabalha na TVINES¹⁶. Por ser surdo, a comunicação se tornou mais fluida, facilitando na compreensão dos objetivos do projeto. Por já ter a experiência de produção de vídeos, acrescentando-se a pedagogia visual e tudo o que a permeia; as regras relacionadas a cores de fundo, roupa a ser utilizada, limitação do espaço, dentre outros, o trabalho foi enriquecido e desenvolvido de forma coerente.

¹⁵ DESU: Departamento de Ensino Superior, do Instituto Nacional de Educação de Surdos\INES

¹⁶ TV INES: Uma Parceria do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e da Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto (Acerp) para viabilizar a primeira webTV em LSB, além de legendas e locução.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Desenvolver um material educacional multimídia em forma de vídeo de Libras para alunos ouvintes, a partir de um tema de Ciências: Mamíferos, como estímulo ao bilinguismo e ao aprendizado desta língua de sinais.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Selecionar os sinais utilizando o tema das Ciências: *Mamíferos*, para a produção de um vídeo e posterior criação do DVD “*Libras nas Ciências: Mamíferos*”
- Apresentar *in loco* o primeiro protótipo a crianças ouvintes com idade entre 10 e 11 anos, em uma escola pública inclusiva onde haja alunos surdos;
- Possibilitar o acesso a versão final do material em Libras ao público, o que inclui escolas públicas e inclusivas.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. RECURSOS FÍSICOS

Os recursos materiais utilizados foram: 3 filmadoras – câmera profissional 7.000D Nikon com tripé; câmera profissional Sanyo com tripé; câmera semi profissional Canon; Data show e notebook.

Local: sala de aula da escola com janelas, portas, quadro branco, 12 cadeiras, 12 mesas, 1 mesa de professor, 1 cadeira de professor, 2 armários, ventilador de parede e relógio de parede.

3.2 CARACTERÍSTICAS DA SALA DE AULA

No primeiro dia disponibilizaram uma sala pequena, no primeiro andar. Apesar de se conseguir realizar as atividades, encontrou-se alguns obstáculos devido ao espaço pouco apropriado, pois para a realização das gravações com a qualidade desejada, que pudesse contribuir para percepção dos diversos aspectos de LSB, faz-se necessário que a disposição dos materiais e pessoas envolvidas estejam bem organizados. O tamanho da sala limitou as gravações no que diz respeito ao enquadramento necessário para percepção, além dos sinais, das expressões faciais e corporais.

Diante de tais circunstâncias, no segundo dia foi disponibilizada uma sala mais ampla no segundo andar. Sete cadeiras de madeira, marrom, foram arrumadas em formato de meia-lua, favorecendo as características específicas da Língua de Sinais que preza pelo contato visual. É importante ressaltar a relevância do contato visual entre os envolvidos no momento da aula, docente e discentes. As cadeiras restantes não ocupadas foram retiradas e postas no fundo da sala. No fundo da sala, na parede, havia um relógio entre dois murais. Do lado direito, a mesa de madeira, do professor; e atrás desta, um armário (Figura 6).

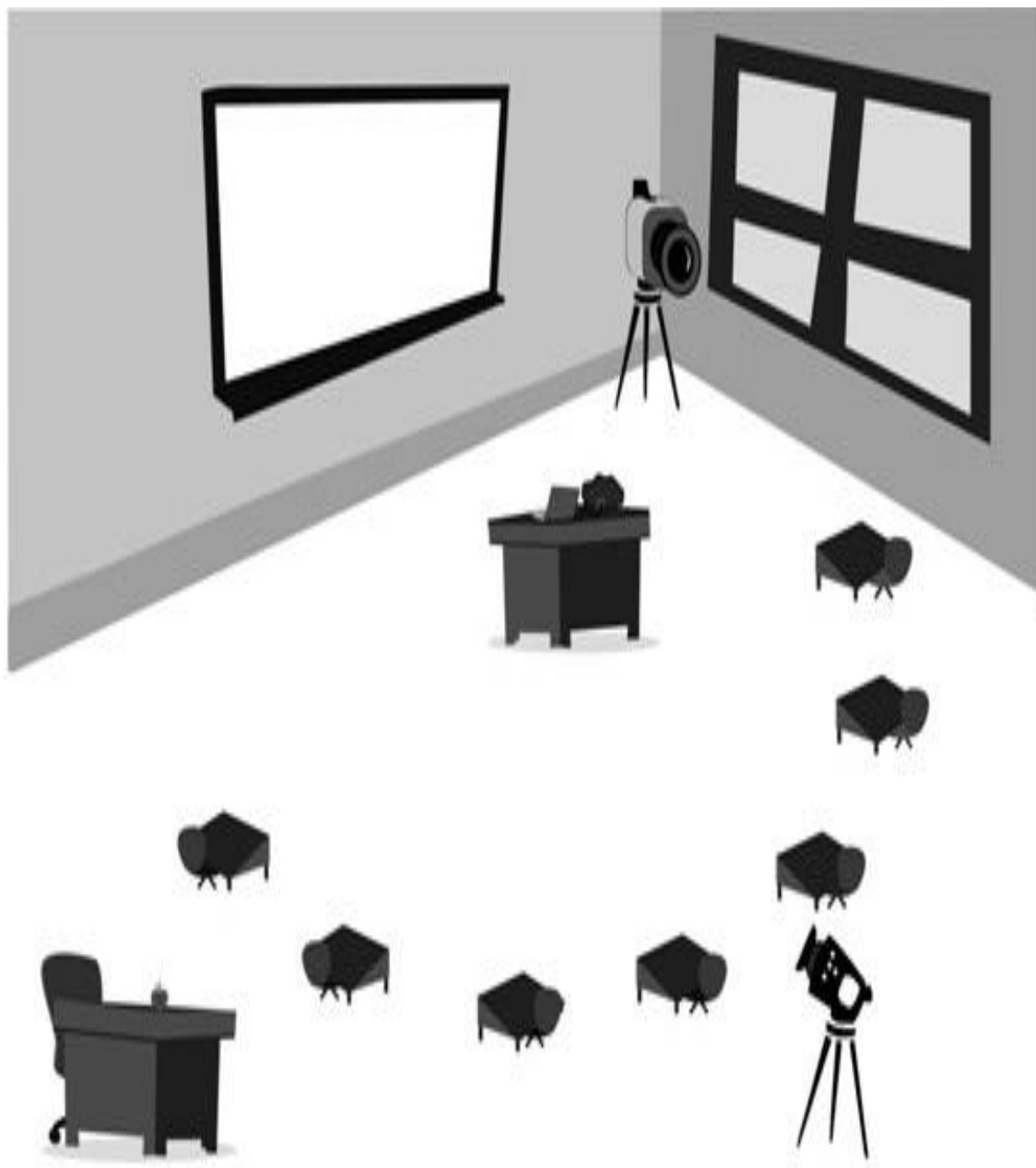


Figura 6: Descrição da Sala de Aula para o desenvolvimento da pesquisa. (Figura do acervo particular da autora.)

3.3 POSICIONAMENTO DAS CÂMERAS

Atrás do professor, havia um quadro branco grande. Um pouco à frente, uma mesa de madeira, um notebook e um Datashow, da marca Apple, direcionado para o quadro. Do lado esquerdo, foi posta a primeira câmera, com o tripé. Atrás dos alunos, também do lado esquerdo, foi colocada a segunda câmera, com tripé (Figura 7).



Figura 7: Descrição da organização da Sala de Aula, com o posicionamento dos personagens e os objetos utilizados. (Figura do acervo particular da autora.)

Utilizamos duas câmeras fixas, objetivando filmar a dinâmica da aula. Uma das câmeras ficava posicionada em direção ao professor e a outra de forma que fosse possível gravar todos os alunos, ao mesmo tempo, no semicírculo. Por fim, havia uma terceira câmera, “volante”, para que fosse possível focar as expressões individuais.

3.4 COLETA DE DADOS

Foram coletados dados que acrescentaram informações relevantes para objetivo da pesquisa, sendo utilizados questionários relacionados com o tema. Tais perguntas foram direcionadas a dois grupos específicos:

- Surdos e ouvintes adultos, de diferentes formações, como parte de um público amplo para adquirir respostas imparciais para as perguntas sugeridas;
- Alunos ouvintes da Escola Pública Municipal Ernani Moreira Franco, os mesmos a quem foi direcionado o foco da pesquisa.

No questionário direcionado ao público, relacionado à Pesquisa: “Aprendizagem de novas línguas: novas percepções e concepções”, o perfil considerou aspectos como idade, nível de deficiência auditiva (leve/moderada/profunda), condições dos pais (ouvintes/ deficientes auditivos), surgimento da deficiência (congenita/idade) e idade de alfabetização, além das concepções sobre sexualidade, saúde da mulher e as possíveis fontes de acesso de informações, analisando-se ainda as vantagens, desvantagens e limitações da presença do intérprete, discursos teóricos e os discursos empíricos que os participantes possuem (Apêndice 1, Figura 8).

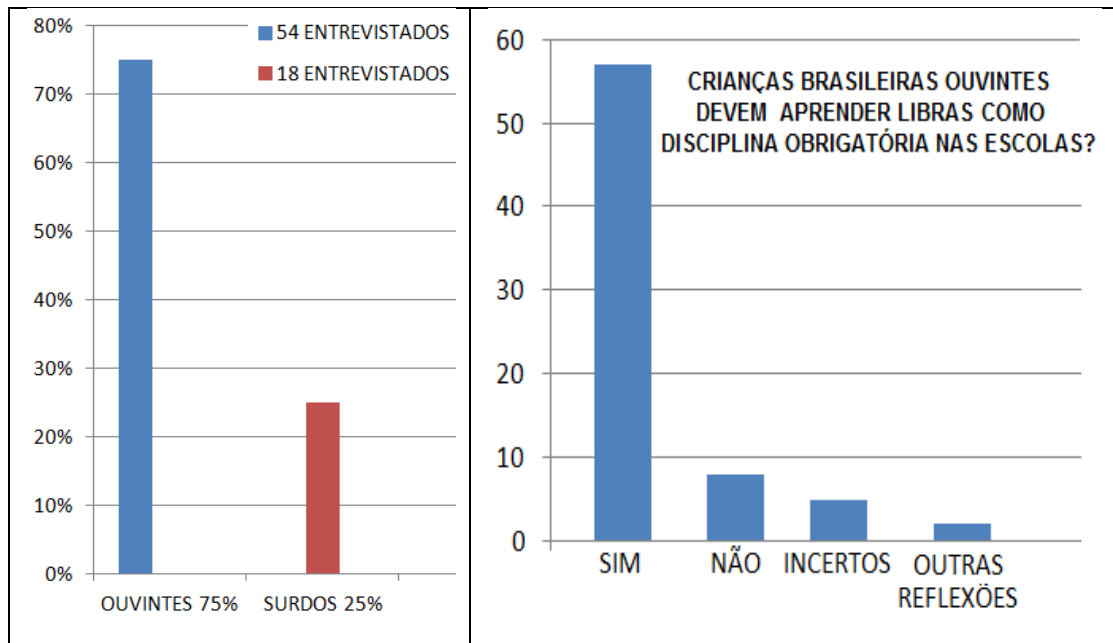


Figura 8: Pesquisa sobre o aprendizado de libras para crianças ouvintes, realizada com 72 sujeitos surdos e ouvintes. Esquerda: Número e proporção de surdos e ouvintes, Direita: Resposta a pergunta sobre a obrigatoriedade do aprendizado.

A pesquisa acima reforçou a importância de criar o vídeo descrito nesta dissertação. Além de perguntas quantitativas, foram utilizados também como ferramenta outros tipos questionários, no qual algumas indagações emergiram do contexto imediato sendo formuladas no curso natural dos

acontecimentos, ou seja, as mesmas foram semiplanejadas antes, mas estruturadas de acordo com a resposta apresentada (Patton, 1980 apud Cohen et al., 2001). Utilizou-se o referencial como base a análise dos conteúdos dos participantes (Bardin, 1994 e Vala, 1986), permitindo assim identificar com mais detalhes a coerência interna do discurso apresentados, e estabelecendo uma interrelação entre os discursos teóricos e os discursos empíricos dos participantes e que foi publicado (Apêndice 1).

Na pesquisado material que foi construído figuraram também alunos ouvintes, um mínimo de 7 (sete), regularmente matriculados, participando da gênese do trabalho através de um questionário simples. A aplicação de questionários a tais alunos foi utilizada para a análise das suas concepções quanto ao tema proposto, sendo o presente estudo desenvolvido através de um método quali-quantitativo (Rudio, 1986). Os questionários contemplam questões fechadas (contendo itens objetivos e dicotômicos); questões semiestruturadas, (contendo itens semiabertos com certo grau de liberdade na resposta) e questões não estruturadas (com itens totalmente abertos) (Cohen et al, 2001). Vale ressaltar que algumas perguntas presentes nos questionários dão margem a mais de uma resposta. Os dados estatísticos obtidos na análise destes questionários foram tratados percentualmente utilizando o programa Microsoft Excel, versão 2000, da Microsoft Office e o programa gráfico estatístico Microcal Origin.

3.5 PLANO DE AULA, AVALIAÇÃO E DIÁRIO DE CAMPO

No plano de aula, o teste do material inicialmente selecionado seguiu os procedimentos mostrados no Quadro 1. No primeiro dia de aula, foi realizada uma conversa com os alunos com a presença do intérprete de LSB e aplicação de questionários para a análise das concepções dos estudantes quanto ao conhecimento básico de LSB. Enquanto do segundo ao quarto dia, foram ministradas as aulas de LSB, sob o tema “Mamíferos”.

No último dia da aula, avaliou-se a atividade ao se conversar com os alunos sobre o ensino-aprendizagem do tema, incluindo narrativas sobre o que aprenderam, se gostaram, se acham importante ter a disciplina de Li-

bras, dentre outras coisas. Cada aula com duração de 40 minutos (Quadro 1).

Quadro 1: Atividades empreendidas nos dias propostos para a aplicação do projeto na escola

MOMENTOS	DATAS	CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS	METODOLOGIA
1ª AULA	Dia3/9	Conhece Libras? O que é Libras? Sabe Libras? Gostaria de aprender Libras? Por que quer aprender e pra quê? Alfabeto manual	Questionário Participação de alunos
2ª AULA	Dia10/9	Mamíferos 1	Aula expositiva e participação de alunos
3ª AULA	Dia17/9	Mamíferos 2	Aula expositiva de sinais e Participação de alunos no processo de avaliação da descrição imagética (DI) dos mamíferos
4ª AULA	Dia24/9	Até animais aprendem a Língua de Sinais Gostou de aprender Libras? Foi difícil de compreender? Quer continuar a aprender? Acha que deve ter disciplina de Libras? Se for positivo, por que é importante?	Exposição de vídeos Questionário

3.5.1 DIÁRIO DE CAMPO

No primeiro dia da aula, foram explicadas as regras aos alunos, que não deveriam usar a voz/português, e que a interação seria totalmente visual, entre professora surda e alunos ouvintes. Sugeriu-se à professora regente que, juntamente com estes alunos, a partir do dia seguinte também buscasse entrar nesse “novo mundo”, o dos surdos.

A pesquisadora, na segunda aula, utilizando-se de apresentações PPT¹⁷, lembrou com os alunos os conceitos referentes a 8(oito) animais mamíferos, após o que, deveriam fazer alguma produção. Depois, um novo conteúdo, desta vez com 9 (nove) animais, foi apresentado. A mesma identificava cada animal pelo seu respectivo sinal e, após solicitar que alguns alunos fossem à frente do quadro, lhes pedia que mostrassem qual a forma de descrever imageticamente o ato de mamar de cada um. Os outros alunos poderiam auxiliar o colega, caso este mostrasse dificuldades em exprimir a ideia.

No terceiro dia, não houve aula, devido a falta do Datashow, e solicitou-se à intérprete que atuasse junto aos 5 (cinco) alunos no pátio da escola, na hora do intervalo. Estes deveriam, utilizando a internet, fazer pesquisas quanto às localizações das mamas nos diversos tipos de animais. Destes, apenas 2 (dois) alunos tinham acesso à internet em casa; os outros não costumavam acessar a internet nem mesmo na escola.

3.5.2 DIFICULDADES ENCONTRADAS DURANTE A PESQUISA

A princípio, a pesquisa seria realizada com 8 (oito) alunos, os quais apresentaram termo de compromisso e consentimento, sabendo que a aula não era uma imposição, porém um deles nunca compareceu. O procedimento foi então realizado com os 7 (sete) alunos restante, na sala de aula, com a gravação de todas as aulas. Após isso, foi feita a análise e avaliação de tais gravações para determinar o entendimento do conteúdo e a aprendizagem por parte de tais alunos no decorrer das aulas.

Visto que o intervalo escolar dos alunos surdos e ouvintes é diferenciado, houve dificuldades na aproximação entre eles, muito embora a escola possua turmas bilíngües; isso se deu também pela falta de oportunidade de aprender a LSB para que a comunicação entre eles fosse estabelecida desde o princípio.

¹⁷Um arquivo PPT é uma apresentação PowerPoint.

No dia 17, houve problema com o Datashow, que era emprestado da escola, material imprescindível para a aula a ser ministrada, diante do que não houve a realização da aula.

No dia 24, aconteceu uma capacitação de professores na escola, não teve aula normal e não houve comunicação por parte da direção da escola. Foi necessário então transferir a aula para o dia 01\10, e ministrar duas aulas seguidas, a 3ª e a 4ª, cada uma com duração de 40 minutos, totalizando 1h20m.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 RESULTADOS

4.1.1 PROCESSO PRIMÁRIO PARA ELABORAÇÃO DO PRODUTO

Conforme discutido anteriormente, todo o mecanismo gerador dos parâmetros que compõem a LSB, dentre outras línguas de sinais, se inicia com base no pensamento. O primeiro passo então foi exatamente analisar características de determinados mamíferos, e como se dá o ato de mamar em cada um destes. A partir daí todas as ideias foram fluindo e se desenvolvendo, sendo todas as imagens a seguir produto de tal processo cognitivo.

Na estrutura biológica dos mamíferos, as glândulas mamárias podem se localizar em três partes no corpo: próximos à axila, no tórax ou no abdômen. Na língua de sinais, cada um destes locais pode se subdividir em três grupos: axila direita, axila esquerda; lado direito do tórax, lado esquerdo do tórax; parte superior do abdômen, parte inferior do abdômen. Isto acontece por conta da língua utilizar as mãos como forma de articulação dos sinais.

Para o desenvolvimento do nosso vídeo, o tema mamífero foi escolhido devido ao fato de que, apesar da diferença citada acima, os profissionais do ensino de Libras utilizam frequentemente um sinal fixo referente ao ato de “mamar”, influenciado geralmente pela imagem da amamentação por parte da mulher. Diante da sua estrutura gramatical específica, é possível se utilizar diferentes espaços, que devem ser contextualizados em cada sinalização. No caso de aleitamento, o sinal deve seguir a localização física das glândulas mamárias, obedecendo ao parâmetro de locação da LSB, bem como a configuração das mãos, o movimento, a orientação e a expressão facial que indicam a sucção, além de classificadores.

A partir dessas considerações, o projeto tomou forma passando pela seleção dos animais e sinais a serem utilizados na construção do vídeo e as configurações a serem utilizadas (Figuras 9 a 13).



Figura 9:Sinal referente ao ato de mamar de um filhote de gorila (Figura do acervo particular da autora.)

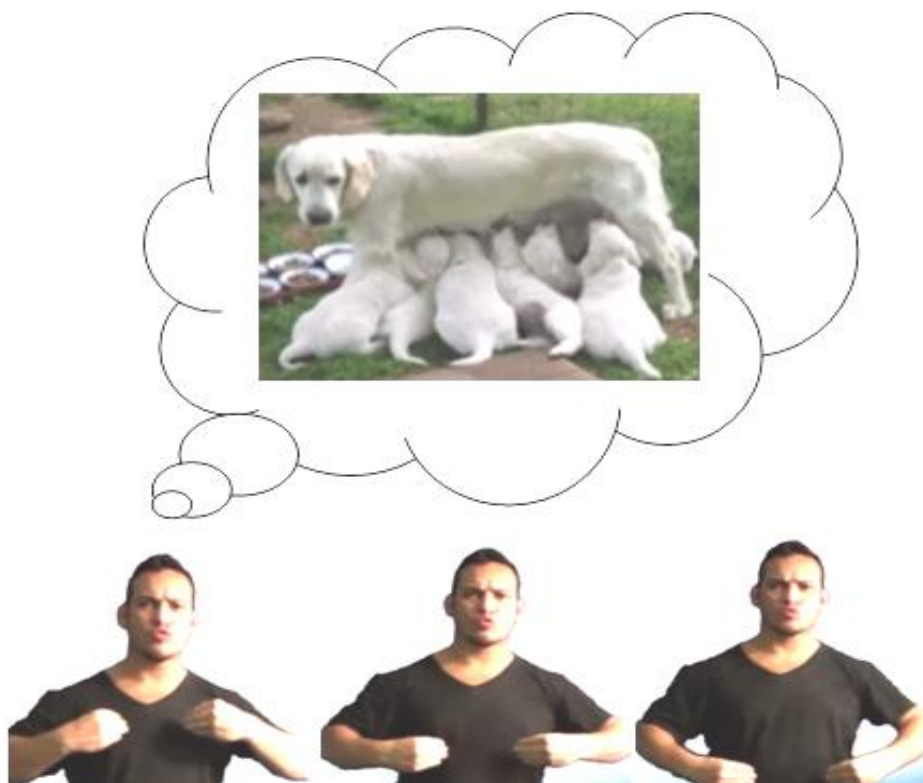


Figura 10:Sinais referentes ao ato de mamar de vários cachorrinhos.(Figura do acervo particular da autora.).



Figura 11:Sinal referente ao ato de mamar de um bezerro (Figura do acervo particular da autora.)



Figura 12: Sinal referente ao ato de mamar de uma foca. (Figura do acervo particular da autora.)



Figura 13:Sinal referente ao ato de mamar de um canguru. (Figura do acervo particular da autora.)

No presente trabalho, os pontos de articulação, ou locação utilizados e discutidos, após terem sido gerados cognitivamente, diante do apelo visual dos animais pesquisados e selecionados estão apresentados na Figura 14:

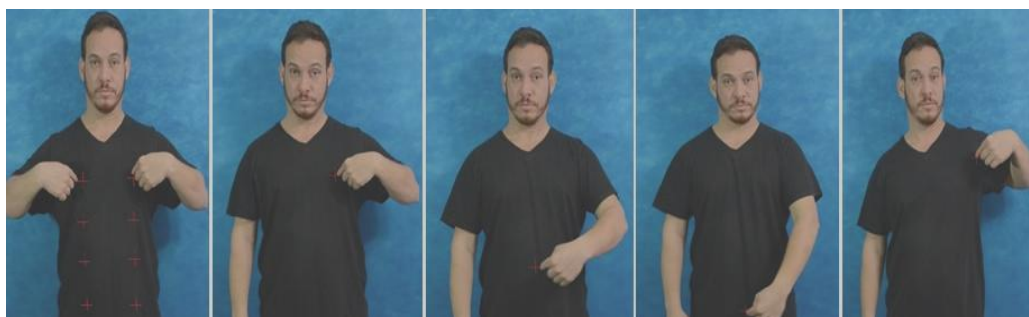


Figura 14: Figuras apresentando os pontos de articulação utilizados na pesquisa. (Figuras do acervo particular da autora.)

As locações indicadas em vermelho são os pontos onde os mamíferos apresentam suas glândulas mamárias, conforme indicado nas figuras 15 e 16.



Figura 15: Posição representativa da glândula mamária de uma gorila fêmea(acima) e de uma vaca (abaixo).



Figura 16: Posição representativa da glândula mamária em uma cadela e numa fêmea de peixe-boi. respectivamente.

4.1.2 MATERIAL DIDÁTICO VISUAL FINAL

O produto gerado no presente trabalho, a saber, um vídeo com cerca de 11 minutos de duração, em que a LSB e os aspectos visuais são enfatizados, não contém nenhum tipo de áudio, e a legenda foi inserida apenas para identificar os temas abordados no vídeo.

A seguir, o roteiro usado na elaboração do vídeo (Quadro 2):

Quadro 2: Roteiro do Material Multimídia

Tempo (Início)	Temas ou tópicos
0'	Apresentação inicial
37'	Animais em LSB/LIBRAS
1,47'	Gramática em LSB
3,51'	Mamíferos em LSB/LIBRAS
5,42	Curiosidades
8,10	Glossário
9,00	Agradecimento
9,26	Referências

Na apresentação inicial encontram-se informações básicas relacionadas ao trabalho (título, área de concentração, linha de pesquisa, nomes das orientadoras e da mestranda). A primeira cena mostra o ator consultando um livro sobre mamíferos. Em seguida, o ator apresenta os sinais de dezessete animais, sendo cada sinal acompanhado de uma figura do respectivo animal.

No tópico referente aos cinco parâmetros da LSB, o ator realiza uma breve explanação sobre as bases gramaticais das Línguas de Sinais. Lançados os fundamentos sobre a LSB/LIBRAS e um vocabulário apropriado sobre o tema a ser ensinado, serão enfatizadas algumas peculiaridades desses animais, a saber, a localização de suas glândulas mamárias. Neste ponto do vídeo, o ator mostrará o sinal do animal apresentado, seguido do

classificador, ou DI - descrição imagética, indicando suas glândulas mamárias. A título de curiosidade, se achou atraente acrescentar alguns vídeos onde são vistos alguns animais mamíferos se utilizando das Línguas de Sinais. Tal fato reafirma a possibilidade de aprendizagem e utilização da LSB por pessoas ouvintes em geral, inclusive crianças.

Apresenta-se a seguir algumas figuras presentes no dito vídeo (Figuras 17 a 19) :



Figura 17: Sinal referente ao mamífero gorila, em LSB



Figura 18: Sinal relacionado a estrutura gramatical da LSB



Figura 19: Sinal que indica imagetivamente o ato de "mamar", numa gorila fêmea.

Ao final do material, são prestados os devidos agradecimentos a todos que contribuíram para a realização do vídeo, seguidos da bibliografia utilizada e dos respectivos créditos.

Dois vídeos gratuitos (públicos, no youtube, através de internet) e um produzido especialmente para o material multimídia também foram adicionados. A seguir, alguns recortes de vídeos utilizados em tais aulas são mostrados nas figuras abaixo (Figuras 20 a 23):

VÍDEO DO GATO



Figura 20: Cat and Sign Language. Fonte: Youtube

VÍDEO DO GORILA



Figura 21: A Conversation With Koko. Fonte: Youtube

VÍDEO DO CACHORRO



Figura 22: Imagem do vídeo desenvolvido, com a imagem de Fokito, animal de estimação da Professora Luciane Rangel. (Acervo pessoal)

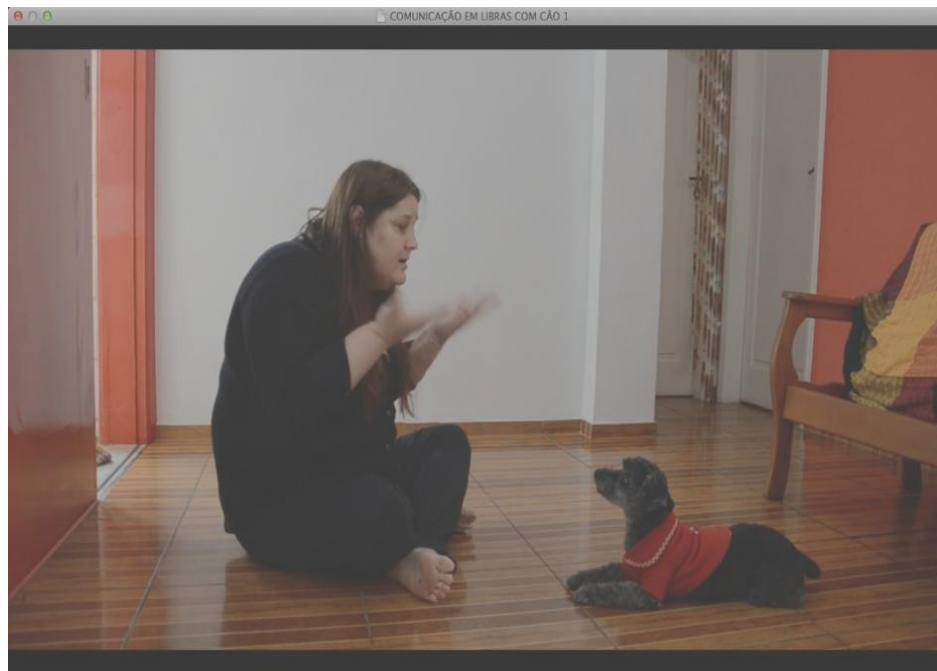


Figura 23: Professora Luciane Rangel, e o seu cachorro, Fokito, se comunicando em LSB. (Acervo pessoal)

4.1.3 ANÁLISE DAS CONCEPÇÕES E TESTE IN LOCO COM ALUNOS OUVINTES

O critério de avaliação dos alunos ouvintes, feito pela pesquisadora, após o desenvolvimento da dinâmica, se deu de forma continuada, e com 3 (três) conceitos: Bom, Regular e Insuficiente, conforme descrito a seguir (Quadro 3):

- Conceito “**bom**” é atribuído ao aluno que atinge um percentual entre 51 a 100 por cento no desenvolvimento geral.
- Conceito “**regular**” é atribuído ao aluno que atinge um percentual entre 11 a 50 por cento no desenvolvimento geral.
- Conceito “**insuficiente**” é atribuído ao aluno que atinge um percentual entre 0 a 10 por cento no desenvolvimento geral.

O critério foi definido a partir de 7 Itens avaliativos:

1. **Percepção:** a capacidade de compreender visualmente a informação transmitida.
2. **Compreensão do conteúdo:** o entendimento real a respeito de como funciona a língua de sinais.
3. **Facilidade de expressão:** a capacidade de transmitir uma informação sem precisar do recurso oral.
4. **Expressão facial:** a reprodução, através da face do sentimento em questão.
5. **Expressão corporal:** a utilização do corpo na transmissão da informação e do sentimento envolvido.
6. **Descrição Imagética (DI):** a representação, utilizando corpo e rosto, do objeto ou animal a que se refere.
7. **Alfabeto manual:** o uso do alfabeto manual para transmitir informações pessoais, com o nome da criança, por exemplo.

Quadro 3: Avaliação continuada, com conceitos diferenciados: bom; regular; insuficiente.

	ITENS AVALIATIVOS						
PARTICIPANTES	Percepção	Compreensão do Conteúdo	Facilidade de Expressão	Expressão Facial	Expressão Corporal	DI	Alfabeto manual
ALUNO 1	B	B	B	B	B	B	B
ALUNO 2	B	B	B	B	B	B	B
ALUNO3	B	B	B	B	B	B	R
ALUNO4	B	B	B	B	B	B	B
ALUNO5	B	B	R	R	R	R	R
ALUNO6	B	B	B	R	R	R	B
ALUNO7	B	B	R	B	B	B	R

A experiência mostrou-se positiva, e levou a finalização do desenvolvimento do produto, o vídeo de LSB com um tema de Ciências voltado para os animais mamíferos. Tal resultado é demonstrado nos quadros a

seguir, como resultado do projeto desenvolvido na escola municipal citada na seção de metodologia.(Quadros 4 e 5).

Quadro 4: Comparação das respostas ao questionário utilizado para a análise das concepções dos alunos quanto ao tema proposto antes da dinâmica/atividade experimental (nr = não respondeu).

PARTICIPANTE	PERGUNTA				
	CONHECE LIBRAS?	O QUE É LIBRAS?	SABE LIBRAS?	GOSTARIA DE APRENDER LIBRAS?	POR QUÊ E PARA QUÊ QUER APRENDER
ALUNO 1	NÃO	NR	NÃO	SIM	<i>Eu quero muito aprender Libras para quando eu vir alguém que só fala Libras eu saiba responder essa pessoa.</i>
ALUNO 2	NÃO	NR	NÃO	SIM	<i>Para fala com os garotos que saibam Libras.</i>
ALUNO 3	NÃO	NR	NÃO	SIM	<i>Pra saber mais sobre Libras, para às vezes eu falar com a tia.</i>
ALUNO 4	NÃO	NR	NÃO	SIM	<i>Para que eu possa falar com pessoas deficientes também.</i>
ALUNO 5	SIM	<i>Libras é palavras com sinais.</i>	NÃO	SIM	<i>Eu quero aprender Libras para poder falar com crianças e adultos especiais.</i>
ALUNO 6	SIM	<i>Libras é ensino, mas a gente não fala</i>	NÃO	SIM	<i>Para falar com quem não fala e pra ensinar à minha mãe.</i>
ALUNO 7	NÃO	NR	NÃO	SIM	<i>Para as vezes eu falar com a pessoas.</i>

Quadro 5: Comparação das respostas ao questionário utilizado para a análise das concepções dos alunos quanto ao tema proposto após a dinâmica/atividade experimental (NR = não respondeu).

PARTICIPANTE	PERGUNTAS					
	GOSTOU DE APRENDER LIBRAS?	FOI DIFÍCIL APRENDER?	QUER CONTINUAR A APRENDER?	SE FOR POSITIVO, PORQUE CONTINUAR A APRENDER É IMPORTANTE?	VOCÊ ACHA QUE DEVE TER DISCIPLINA DE LIBRAS NA SUA ESCOLA	SE FOR POSITIVO, PORQUE ACHA IMPORTANTE TER DISCIPLINA DE LIBRAS?
ALUNO 1	SIM	NÃO	SIM	<i>Para conseguir falar com outros surdos.</i>	SIM	<i>Para ter e conseguir falar com os mudos e surdos.</i>
ALUNO 2	SIM	NÃO	SIM	<i>Para eu ensinar meus amigos.</i>	SIM	<i>Para não ficar de bagunça com as pessoas</i>
ALUNO 3	SIM	NÃO	SIM	<i>Porque eu queria falar em Libras com os animais das professoras.</i>	SIM	<i>Porque é importante aprender Libras e disciplina.</i>
ALUNO 4	SIM	NÃO	SIM	<i>Para conseguir falar com surdo.</i>	SIM	<i>Para poder conversar com pessoas, porque às vezes, em nossa família têm pessoas surdas</i>
ALUNO 5	SIM	NÃO	SIM	<i>Para saber mais sinais.</i>	SIM	<i>Para não ter muitas confusões.</i>
ALUNO 6	NR	NR	NR	NR	NR	NR
ALUNO 7	SIM	NÃO	SIM	<i>Porque eu gostei das aulas de Libras</i>	SIM	<i>Porque eu estou aprendendo</i>

4.2 DISCUSSÃO

A política educacional propõe a educação para a diversidade, para todas as pessoas em diferentes escolas inclusivas. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva afirma que:

Dentre as atividades de atendimento educacional especializado são disponibilizados programas de enriquecimento curricular, o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização e tecnologia assistiva. Ao longo de todo o processo de escolarização, esse atendimento deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum. O atendimento educacional especializado é acompanhado por meio de instrumentos que possibilitem monitoramento e avaliação da oferta realizada nas escolas da rede pública e nos centros de atendimento educacional especializados públicos ou conveniados. (2007, p.10)

Nesse sentido, aqui no Brasil uma das maiores preocupações é a comunicação entre surdos e ouvintes, devido à necessidade do uso da LSB, que é a primeira língua dos surdos, de acordo com a visão antropológica.

Os surdos são sujeitos visuais, mas como já dito, “somos todos iguais na diferença”, então é preciso respeitar essa diferença linguística e cultural, contribuindo para uma sociedade livre de preconceitos. É importante que sejam desenvolvidas pesquisas baseadas na produção de materiais em LSB, em formatos eletrônicos, como esse vídeo, com um tema de ciências, dentre outros temas possíveis, a ser colocado na internet, voltado aos alunos ouvintes. Tal produção deve oferecer a aprendizagem da LSB como segunda língua, visual; e enriquecer os vocabulários dos ouvintes para poderem interagir com os surdos numa sociedade inclusiva de verdade.

Esse é o caminho ideal na proposta da educação política, para a implantar e implementar a disciplina de LSB, sendo esta obrigatória, assim como a língua inglesa e a língua espanhola, nos diversos seguimentos de ensino básico, visando acabar com o preconceito linguístico aqui no Brasil.

Boa parte dos adultos, e até mesmo representantes dentre as autoridades, não consideram a LSB como uma língua. Mas esta o é de fato, como qualquer outra língua; estes mesmos desconsideram a cultura surda,

apesar de já fazer 13 anos desde a oficialização da Lei Federal 10.436/02, bem como o decreto 5.626/05, que a regulamenta.

Através desse material em LSB, ou seja, vídeo no youtube e DVDs nessa língua, que sejam distribuídos de forma ampla em todas as escolas, é possível despertar o interesse pela cultura surda e sua língua; o estimular o interesse quanto a implantação da disciplina de LSB, de forma obrigatória, na estrutura curricular das escolas; e o possível contato de crianças ouvintes, o mais cedo possível, com essa língua visual, permitindo a integração e comunicação entre surdos e ouvintes, bem como a democratização das informações, considerando o desenvolvimento de uma sociedade mais justa para todos.

Embora o material aqui produzido não seja conclusivo, compreende-se que este é de suma importância, sendo uma produção de um material didático, em forma de vídeo, em LSB, contemplando o tema “Mamíferos”, para o uso com alunos ouvintes, oferecendo a estes a oportunidade de aquisição desta enquanto segunda língua, visual, e enriquecendo seu vocabulário, podendo assim conversar e interagir com seus pares surdos.

São José (2011, p.197) salienta que é preciso “*despertar a curiosidade dos alunos a respeito de algo ligado à língua estudada*”, e, no caso da LSB, o aspecto visual foi destacado durante todo o período do teste do material descrito nesta dissertação. Havia uma percepção natural das crianças de que a dinâmica utilizada com o material selecionado não se tratava puramente do uso dos sinais, mas sim de uma junção entre expressão facial e corporal, descrição imagética¹⁸ e regras gramaticais desta língua.

As aulas não se restringiam ao ensino “tradicional”, mas havia também momentos de descontração e diversão, o que a tornava ainda mais atraente ao público-alvo, a saber, crianças ouvintes. Inclusive, no último dia, aconteceu um fato interessante, quando um dos alunos sussurrou com o colega ao lado, fato que, conforme as regras estabelecidas anteriormente, não deveria ocorrer. Quando a professora perguntou-lhe do que se tratava, ele não quis se expressar. Esta então solicitou a ajuda da intérprete a fim de entender o que estava acontecendo. Foi grata a surpresa de saber que

¹⁸ Termo utilizado pela Professora Doutora Ana Regina e Souza Campello, em sua tese de doutorado, para designar o que até então se conhecia como CLASSIFICADOR (CL), nas Línguas de Sinais.

o aluno lamentava o final das aulas. Essa experiência reforça as ideias de Leffa (2007, p. 103, apud São José, 2011,193), que diz que “ *o grau da atratividade e de eficiência dependerão da criatividade do professor*”, alvo que foi plenamente alcançado pela professora.

Para Vygotsky (1996, p.78) a integração já ocorre em sala da aula, seja entre professor/aluno ou entre os próprios alunos, e essa relação deve ser de cooperação, de respeito e de crescimento. O professor deve mediar a aprendizagem, mas a aquisição de conhecimento se dá coletivamente. Isso aconteceu durante a experiência com os alunos. No decorrer da aula, quando um aluno percebia que o outro não havia aprendido, ele próprio tomava a iniciativa de ajudá-lo. Esse processo aconteceu naturalmente na turma, não ocorrendo apenas esse tipo de apoio, mas também um envolvimento mútuo de toda a classe, apenas com o uso da LSB e do contato visual.

Os alunos perceberam a importância de aprender e usar essa nova língua – LSB - como segunda língua, e se divertiram muito durante aula. Perceberam que haviam desacostumado de usar as expressões facial e corporal, e que isso exigia muito do campo visual. Nas atividades expositivas, deram detida atenção, considerando que a pesquisadora é surda e se utilizou apenas da Língua de Sinais, mesmo tendo o auxílio da intérprete, Monique.

Durante o desenrolar da pesquisa e desenvolvimento do trabalho, percebeu-se a grande facilidade com a qual as crianças aprendem os sinais e o enorme interesse que desenvolvem pela língua de sinais quando são expostos a esta. Devido a sua ânsia de aprender, a criança absorve uma gama maior de conhecimento, tem uma percepção mais afinada e consegue ser mais sagaz, o que permite um aprendizado mais acelerado. Já na tenra idade, a sua percepção visual é muito desenvolvida, antes mesmo que os outros sentidos. É verdade que a união de todos esses a estimula, porém observa-se claramente que cores, formas, movimento, dentre outras coisas que envolvem o aspecto visual, a atrai com mais facilidade, levando-a a aquisição de conhecimento.

Além disso, no que tange a língua/linguagem, a LSB tem seus parâmetros que a coloca em situação de equidade com qualquer outra língua,

pois marcam, dentre outros aspectos, construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. Da mesma forma que uma língua oral segue regras estritas que a enriquecem, também as línguas de sinais tem regras próprias que, quando bem utilizadas transformam qualquer informação em um objeto ao alcance de todos. No caso específico, foi apresentado o ponto de articulação, expressão facial/corporal e o movimento, já que o foco era o ato de mamar. Para o entendimento pleno de tais conceitos, com o auxílio de imagens e vídeos, as crianças compreenderam que existe sim uma outra forma de se comunicar, rica e atraente, sendo esta visual, o que as remete àquele sentido primário para o aprendiz, a saber, a visão.

A presença do sujeito surdo, no caso o professor, também acrescenta ao conhecimento a ideia de cultura, o que ativa a compreensão das diferenças, contribuindo para o desenvolvimento da tolerância social. A criança entende que o fato de ser surdo não o transforma numa pessoa com uma deficiência ou 'falta', mas que ele é mediador de conhecimentos de fato. Esse processo ocorre tranquilamente, livre de preconceitos, com um estranhamento inicial devido a uma clara diferença linguística, visto que a LSB é espaço/visual, ao invés de oral/auditiva como estão acostumados; mas essa situação logo é desfeita ao se compreender que haverá um meio de comunicação, ato que é natural e necessário ao ser humano.

Diante de tais discussões, fica perceptível a necessidade de material totalmente visual, livre de ruídos auditivos, plenamente compatível com a cultura surda e uma pedagogia visual, no caso específico um vídeo totalmente em LSB, sendo que o mesmo poderá ser usado livremente para a instrução tanto de ouvintes como das próprias crianças surdas que por acaso convivam no mesmo espaço, auxiliando na sua identidade.

5. CONCLUSÃO

- Foi utilizado um tema das Ciências: *Mamíferos*, selecionando 17 sinais e 3 vídeos para a criação do vídeo “*Libras nas Ciências: Mamíferos*”;
- O material contém diferentes seções que permite a abordagem desde configuração de mão até curiosidades sobre o tema mamífero;
- O Teste *in loco* mostrou o potencial do primeiro protótipo com crianças ouvintes com idade entre 10 e 11 anos em uma escola pública inclusiva, onde havia alunos surdos, havendo grande aceitação quanto ao material inicial;
- O material final será disponibilizado online de forma gratuita no site do YouTube (<https://youtu.be/ci-Ml74dU5s>), no sentido de permitir o acesso por todos, visando ainda a possibilidade de o distribuir na forma de vídeo, para atingir escolas públicas e inclusivas, além de professores bilíngues, bem como professores surdos, para que façam bom uso deste material.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNHEIM, Rudolf. **Arte & Percepção Visual**: uma psicologia de visão criadora. Nova versão. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2004.

BAGNO, Marcos . **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARDIN, Levavy. (1994). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 70.

BLATTES, Ricardo Lovatto (Org.). **Direito à Educação**: subsídios para a gestão dos sistemas educacionais – orientações gerais e marcos legais. 2a Ed. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; **A Educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 119.

BRASIL. Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 2 de dezembro de 2004.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 22 de dezembro de 2005.

BRASIL. Decreto Nº. 3.956, de 8 de outubro de 2001. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 8 de outubro de 2001.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Ministério da Educação, Brasília, 09 de janeiro de 2001.

BRASIL. Lei nº. 10.436, Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 24 de abril de 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei Nº. 7.853, de 24 de outubro de 1989. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua inte-

gração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Corde, institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 24 de outubro de 1989.

BRASIL. Ministério da Educação/SEESP. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. **Grupo de Trabalho**. 2007. Disponível em: <http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2015.

BRASIL. Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho da Secretaria de Educação Especial, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008. **Política Nacional da Educação na Perspectiva da Educação Inclusiva**. MEC, 2008.

CAMPELLO, Ana. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2008.

CAMPELLO, Ana; REZENDE, Patrícia. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba: Edição Especial n. 2/2014, p. 71-92. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/article/viewFile/37229/23102>>. Acesso em: 02 jul. 2015.

CARDOSO, Silvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Cat and Sign Language. YOUTUBE.(0:0:35m). Disponível em: <<http://m.youtube.com/watch?v=xWLG2UaoPG8>>. Acesso: 10. out. 2014.

CAVALCANTI, Marilda. C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, vol. 15, n. spe, 1999, p.388. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300015&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 24 abr. 2015.

COHEN Louis; MANION Lawrence; MORRISON Keith. **Research Methods in Education**. 5 ed. Inglaterra: RoutledgeFalmer. 2000.

CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE EDUCAÇÃO PARA TODOS SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES BÁSICAS DE APRENDIZAGEM. 1990, Jomtien, Tailândia. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**. Tailândia, 5 a 9 de março de 1990.

COORDENAÇÃO GERAL SEESP/MEC. **Saberes e práticas da Inclusão**. Avaliação para identificação das necessidades educacionais especiais: 2 ed. Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

CUNHA, Maria Isabel da; **Inovações pedagógicas**: o desafio da reconfiguração de saberes na docência universitária. Cadernos de Pedagogia Universitária. Universidade do Vale do Rio dos Sinos Programa de Pós-Graduação em Educação. São Paulo: 2008, Pró-

Reitoria de Graduação, p. 27. Disponível em: <http://www.prpg.usp.br/attachments/article/640/Caderno_6_PAE.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2015.

DIANI, Mario. "The concept of social movements". **The sociological review**. V. 40, n. 1. pp. 01-25, 1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382013000400003&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 mai. 2015.

ESCOLAS. **Escola Municipal Ernani Moreira Franco**. Disponível em: <<http://www.escolas/179378-e-m-ernani-moreira-franco>>. Acesso: 20 mai. 2015.

FELIPE, Tanya Amara. **Libras em contexto**: curso básico: Livro do professor. Brasília: Ministério da Educação. 2007.

FENEIS. Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura Surda - Proposta de Emendas Substitutivas ao projeto de Lei N. 8.035, De 2010 – 2020. 50 f. p.25. **Plano Nacional de Educação (PNE)**. Feneis. 2011.

FERNANDES, Eulália. **Problemas lingüísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: AGIR, 1990.

FERNANDES, Sueli. **Educação de Surdos**. Curitiba: Editora IBPEX. 2007.

FERRARA, Lucrécia D' Aléssio. **Design em espaços**. São Paulo: Editora Rosari, 2002.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Uma abordagem fonológica dos sinais da LSB**. Espaço Informativo técnico-científico do INES, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-43, 1990.

FORSTER, Mari M. dos S.; SILVA, João Paulo B.; ZAT, Ancila D. As experiências docentes que (re)significam a escola. **Educação em rede**: formação e prática docente. Disponível em: <<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/educacaoemrede/article/view/338/220>>. Acesso em: 30 mai 2015.

GARCIA, José Carlos da Silva. **Nas fronteiras da Constituição – O MST entre reivindicação, protesto e democracia**. 2013. 267 f. Tese (Doutorado em Direito). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0921360_2013_completo.pdf>. Acesso em: 02 Jun. 2015.

IMPLANTES e idéias ajudam a melhorar dia a dia de quem vive com surdez. **Jornal Nacional**, São Paulo, Edição do dia 21 mai 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/05/implantes-e-ideias-ajudam-melhorar-dia-dia-de-quem-vive-com-surdez.html>>. Acesso: 23 mai. 2015.

LSB VIDEO. **Configurações de Mãos em LIBRAS**. Disponível em: <http://www.lsbvideo.com.br/product_info.php?products_id=296> Acesso em: 20 mai. 2015.

LUCHI, Marcos. Interpretação de descrições imagéticas: onde está o léxico?. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução/Estudos da Interpretação). 2013, 116 f. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MARQUES, Hivi de Castro Ruiz; BARROCO, Sonia Mari Shima; SILVA, Tânia dos Santos Alvarez da. O ensino da língua Brasileira de sinais na educação infantil para crianças ouvintes e surdas: considerações com base na psicologia histórico-cultural. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, vol.19 nº.4, Out./Dez. 2013.

MONTE, Francisca R. Furtado do; SIQUEIRA, Ivana de; MIRANDA, José Rafael (Org.). **Direito à Educação: necessidades educacionais especiais : subsídios para atuação do Ministério Público Brasileiro**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

NAKAGAWA, Fábio S. A visualidade da montagem no longa-metragem *Irreversível*. In: VI ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 3, 2006, Brasília. **Trabalho apresentado ao NP Semiótica da Comunicação**. Brasília: Bloco A, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1630-1.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

PERLIN, Gladis. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, Carlos. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, Gladis. **Surdos: cultura e pedagogia**. In: LOPES, Maura C.; THOMA, Adriana S. (Orgs.). Invenção da Surdez II: Espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos. Santa Cruz do Sul: EDUnISC, 2006.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o Narrar e a Política. In: *Estudos Surdos – Ponto de Vista*. **Revista de Educação e Processos Inclusivos**, n. 5. 217-226, 2003. Florianópolis: UFSC/NUP/CED, 2003.

PLETSCH, Márcia; CARVALHO, Carlos Roberto de. Editorial do dossiê processos de inclusão e exclusão escolar e movimentos sociais. **Revista Teias**. São Paulo, v.12, nº 24, p.01-08 .jan./abr .2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/822>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

QUADROS, Ronice Müller de.(Org.). **Estudos Surdos III**. Teresópolis: Ed. Arara Azul, RJ. 2008.

QUADROS, Ronice Müller de; O 'bi' em bilingüismo na educação de surdos. **PORSINAL**. In. Surdez e bilingüismo. QUADROS, Ronice Müller de. 1ed. Porto Alegre : Editora Mediação, v.1, p. 26-36, 2005. Disponível em: <<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=197> >. Acesso em: 11 abr. 2015.

QUADROS, Ronice Müller de; CRUZ, Carina Rebello. **Língua de Sinais: Instrumento de Avaliação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP Lodenir B.. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

REIS, Flaviane. **Professor Surdo: A Política e a Poética da Transgressão Pedagógica**. 2006. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2006.

REIS, Nélio, et al. **Mamíferos do Brasil – Guia de Identificação**. Londrina, Paraná: Technical Books Editora, 2010.

ROA, Maria Cristina Iglesia. **Libras como Segunda Língua para crianças ouvintes: avaliação de uma proposta educacional**. 2012. 189 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Saúde). Universidade Federal de São Paulo: 2012.

RODRIGUES, Luciane Rangel ; CABRAL, João Paulo. **Ane e Jota – Amigos de Mundos Diferentes**. Rio de Janeiro: Darda Editora, 2015.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SÃO JOSÉ, Elisson Souza de. A necessidade de despertar nos alunos interesse pelo estudo de língua inglesa nos dias atuais. **Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Curso de Letras-UNIFAP**. Amapá, Vol. 1, nº 1, Jan/Jun. de 2011.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. In: **Revista Nacional de Reabilitação**. São Paulo, ano 5, n. 24, jan./fev. 2002, pp. 6-9.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Beinkstein. São Paulo; Cultrix, 1975.

SKILIAR, Carlos (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SKLIAR, Carlos. **Educação e Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial**. Porto Alegre: Mediação Editora, 1997.

SODRÉ, Munis. Diversidade e diferença. **Revista Científica de Información y Comunicación**. Nº 3, 2006. Sevilla SECCIÓN CLAVES. Universidade do Rio de Janeiro. 2006.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos lingüísticos da LIBRAS**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

TELES, Margarida Maria; SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **Língua Brasileira de Sinais – Libras**. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/cursoraizes/lingua-brasileira-desinaislibras>>. Acesso em: 27 mai. 2015.

UFC - Universidade Federal do Ceará. Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). **A pessoa... Surda ou surda?:** as diferentes concepções e as mudanças de paradigmas.

Aula 01, 2015. Disponível em: <http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lpt/l_a_P/Libras/aula_01/04.html>. Acesso em: 27 mai. .2015.

VALA, Jorge. (1986). **A análise de conteúdo**. Em: Santos Silva, A. e Madureira Pinto, J. (orgs.). Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Edições, Afrontamento, 101-128.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução: Neto, José Cipolla; Barreto, Luis Silveira Menna; Afeche, Solange Castro. São Paulo: Martins Fontes, 4a ed., 1991.

YOUTUBE. **A Conversation With Koko**.(0:4:40m). Disponível em: <<http://m.youtube.com/watch?v=SNuZ4OE6vCk>>. Acesso em: 10 out. 2014.

YOUTUBE. **Animais mamíferos**. Disponível Em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J5j96Bx9mDc>>. Acesso Em: 24 fev. 2014

YOUTUBE. **Cat uses sign language to ask for food**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PU7hPOY8n_Y>. Acesso Em: 10 out. 2014.

7.APÊNDICES E ANEXOS

7.1 APÊNDICES

Apêndice I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	72
Apêndice II: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Filmagem e Fotografia	74
Apêndice III: Primeiro questionário da aula de Libras na sala de aula na E. M. Ernani Moreira Franco.....	76
Apêndice IV: Segundo questionário da aula de Libras na sala de aula na E.M Ernani Moreira Franco.....	77
Apêndice V: Primeiro questionário aplicado aos alunos e suas devidas respostas	78
Apêndice VI: Segundo questionário aplicado aos alunos e suas devidas respostas.....	85

7.2 ANEXOS

Anexo I: Autorização para realização de pesquisa	91
---	----

Apêndice I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

	Universidade Federal Fluminense Instituto de Biologia Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI)	
--	--	--

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado (a) responsável,

Por meio do presente termo, convido seu(a) filho(a)

a participar da pesquisa intitulada *“Libras no ensino fundamental: Desenvolvimento do DVD Libras para ouvintes ouvintes partir do uso de temas das ciências como estímulo ao bilinguismo em uma escola pública da cidade de Niterói”*, oriunda de trabalho monográfico de Luciane Rangel do curso de mestrado profissional em Diversidade e Inclusão, da Universidade Federal Fluminense e do Projeto de Extensão Escola de Inclusão.

Essa pesquisa tem o objetivo como criar o DVD ‘Libras de ciências: Mamíferos’ utilizando temas das Ciências selecionados com o propósito de estimular o aprendizado de LIBRAS. e também contribui para a prática de educação inclusiva na educação de surdos.

Seu(a) filho(a) foi selecionado em função de estudar na Escola Municipal Hernani Moreira Franco. A participação nessa pesquisa consistirá em responder o questionário que se encontra juntamente com esse termo. Sua participação, entretanto, é **voluntária** (não é obrigatória). A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Federal Fluminense.

Os benefícios relacionados com a sua participação consistem na possibilidade de serem colhidos dados que evidenciam a efetividade de métodos lúdicos eficazes para o ensino inclusivo e da possibilidade de criação de novos sinais, fazendo-nos conhecer e analisar melhor o tema abordado.

O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

As informações obtidas por meio dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Apesar dos resultados obtidos nos questionários serem usados em textos e eventos científicos, sua identificação não será divulgada.

Todos e quaisquer esclarecimentos, que achar necessários, me serão fornecidos ao entrar em contato com Luciane Rangel e as Dr^{as}. Ana Regina Campelo e Helena Carla Castro, orientadoras deste projeto no Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense, Outeiro de São João Baptista, s/n - Campus do Valonguinho Centro/Niterói – RJ, CEP:24.020-150, no telefone (021) 2629-9954



Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios em participar da pesquisa e concordo em responder o questionário.

Nome Legível

Assinatura: _____
(Assinatura do participante)

UFF - Instituto de Biologia – Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão.
Outeiro São João Batista, Centro Niterói/RJ – CEP: 24210130
Pesquisador Responsável/Executivo: Luciane Rangel
Contato:rangel.ane@gmail.com

Apêndice II: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Filmagem e Fotografia

	Universidade Federal Fluminense Instituto de Biologia Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI)	
---	--	---

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO FILMAGEM E FOTOGRAFIA

Venho por meio deste documento autorizar a mestranda Luciane Rangel, ou o(s) representantes(s) designado(s) pelas Dra. Ana Regina Campelo e Dra. Helena Carla Castro do grupo LABioEMol da Universidade Federal Fluminense, a produzir, reproduzir ou multiplicar fotografias, **vídeos**, filmes ou transparências, podendo ser coloridas ou em preto e branco, em que _____, menor sobre o qual sou responsável, participe e apareça, sendo estas feitas somente durante as atividades do projeto em sala de aula ou na Instituição em que ele estiver sob o meu total conhecimento e consentimento.

Estas fotografias, vídeos, filmes ou transparências só poderão ser utilizados para fins de pesquisa, informação ou divulgação, para educação em saúde ou para docência, publicados em periódicos ou em outros meios de divulgação científica. A reprodução e multiplicação dessas imagens podem ser acompanhadas ou não de texto explicativo sem qualquer conceito negativo que possa denegrir a imagem do menor de idade, e abro mão de qualquer direito de pré-inspeção e pré-aprovação do material, assim como de qualquer compensação financeira pelo seu uso, sendo este publicado sempre preservando o nome do estudante, assim garantindo-lhe sua privacidade.

Tenho ciência de que este trabalho faz parte da dissertação da mestranda Luciane Rangel, no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão – CMPDI – UFF, realizado na Universidade Federal Fluminense, visando estritamente a ampliação das possibilidades educacionais das escolas, de forma que estas se adaptem e possam receber os estudantes com necessidades educacionais especiais com as melhores condições possíveis.

Entendo que não haverá qualquer despesa para que a criança participe desta pesquisa, bem como não haverá qualquer tipo de recompensa para o participante e/ou responsáveis, a não ser aquela de ter contribuído para a tentativa de melhoria do ensino para estas crianças.

Expresso que tenho ciência de que toda a informação obtida com este estudo ficará armazenada na Universidade Federal Fluminense, juntamente com outros documentos relativos ao projeto e não serão, em hipótese alguma, fornecidos a

terceiros sem sua expressa autorização e conhecimento. Os resultados serão divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos. O Comitê de Ética em Pesquisa da UFF - poderá ter acesso aos dados coletados. Se necessário autorizo serem exibidos apenas a idade e a escolaridade da criança.

Essa pesquisa não oferece qualquer dano ou risco aos participantes, visto que os materiais utilizados são inócuos e eles serão oferecidos à criança e não impostos a ela. Assim, a criança só participará caso demonstre interesse e o desejo em fazê-lo.

Como responsável, sei que posso desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, assim como a criança, sem quaisquer penalizações ou prejuízos, só bastando comunicar o fato.

Deixo expresso, ainda, que esta autorização:

permite que apareça o rosto de meu filho(a) no material gráfico sem as tarjas ou técnicas usualmente empregadas para dificultar a identificação.

permite que apareça o rosto de meu filho(a) no material gráfico somente se houver o uso de tarjas ou técnicas usualmente empregadas para dificultar a identificação.

não permite que apareça o rosto de meu filho(a) no material gráfico final, sendo este totalmente encoberto com a cor preta.

Declaro estar plenamente ciente do inteiro teor desta autorização.

Data: _____ de _____ de _____.

(Nome legível e N^o de Identidade do responsável)

(Assinatura do responsável)

UFF - Instituto de Biologia – Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão.
Outeiro São João Batista, Centro Niterói/RJ – CEP: 24210130
Pesquisador Executivo: Luciane Rangel
Contato:rangel.ane@gmail.com

Apêndice III:Primeiro questionário da aula de Libras na sala de aula na E.M. Ernani Moreira Franco

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

IDADE : _____

1- Conhece Libras?

() Sim () Não

2- Se for SIM, escreva o que é Libras?

3- Sabe Libras?

() Sim () Não

4- Gostaria de aprender Libras?

() Sim () Não

5- Por que quer aprender Libras e pra que?

Apêndice IV: Segundo questionário da aula de Libras na sala de aula na E.M Ernani Moreira Franco

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

1- Você gostou de aprender Libras?

() Sim () Não

2- Foi difícil aprender?

() Sim () Não

3- Quer continuar a aprender?

() Sim () Não

4- Se for positivo, porque quer continuar a aprender?

5- Você acha que deve ter disciplina de Libras na sua escola?

() Sim () Não

6- Se for positivo, porque acha importante ter disciplina de Libras?

Apêndice V: Primeiro questionário aplicado aos alunos e suas devidas respostas

ALUNO 1

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

IDADE : 10

1- Conhece Libras?

() Sim (X) Não

2- Se for SIM, escreva o que é Libras?

3- Sabe Libras?

() Sim (X) Não

4- Gostaria de aprender Libras?

(X) Sim () Não

5- Por que quer aprender Libras e pra que?

Porque eu quero muito aprender libras
para quando eu vir alguém que só fala libras
eu saber responder essa pessoa

ALUNO 2

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

IDADE : 10

1- Conhece Libras?

() Sim (X) Não

2- Se for SIM, escreva o que é Libras?

3- Sabe Libras?

() Sim (X) Não

4- Gostaria de aprender Libras?

(X) Sim () Não

5- Por que quer aprender Libras e pra que?

pra falar com os garotos que sabem
libras.

ALUNO 3

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

IDADE : 10

1- Conhece Libras?

() Sim (X) Não

2- Se for SIM, escreva o que é Libras?

3- Sabe Libras?

() Sim (X) Não

4- Gostaria de aprender Libras?

(X) Sim () Não

5- Por que quer aprender Libras e pra que?

pra poder me comunicar melhor com as pessoas que falam com
o Tio

ALUNO 4

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

IDADE : 10 anos

1- Conhece Libras?

() Sim (X) Não

2- Se for SIM, escreva o que é Libras?

3- Sabe Libras?

() Sim (X) Não

4- Gostaria de aprender Libras?

(X) Sim () Não

5- Por que quer aprender Libras e pra que?

Para que eu possa falar com pessoas deficientes também

ALUNO 5

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

IDADE : 10

1- Conhece Libras?

Sim () Não

2- Se for SIM, escreva o que é Libras?

Libras é falamos com sinais.

3- Sabe Libras?

() Sim Não

4- Gostaria de aprender Libras?

Sim () Não

5- Por que quer aprender Libras e pra que?

Eu quero aprender libras para poder falar com crianças e adultos especiais

ALUNO 6

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

IDADE : 11

1- Conhece Libras?

Sim () Não

2- Se for SIM, escreva o que é Libras?

libras é um idioma mas a gente não fala

3- Sabe Libras?

() Sim Não

4- Gostaria de aprender Libras?

Sim () Não

5- Por que quer aprender Libras e pra que?

Para falar com quem não fala e pra ensinar a
minha mãe.

ALUNO 7

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

IDADE : 10

1- Conhece Libras?

() Sim (X) Não

2- Se for SIM, escreva o que é Libras?

3- Sabe Libras?

() Sim (X) Não

4- Gostaria de aprender Libras?

(X) Sim () Não

5- Por que quer aprender Libras e pra que?

para as vezes eu falo com a
perreiras

Apêndice VI: Segundo questionário aplicado aos alunos e suas devidas respostas

ALUNO 1

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

1- Você gostou de aprender Libras?

Sim Não

2- Foi difícil aprender?

Sim Não

3- Quer continuar a aprender?

Sim Não

4- Se for positivo, porque quer continuar a aprender?

Para conseguir falar com outros surdos

5- Você acha que deve ter disciplina de Libras na sua escola?

Sim Não

6- Se for positivo, porque acha importante ter disciplina de Libras?

Para ter e conseguir falar com os surdos e surdos

ALUNO 2

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

1- Você gostou de aprender Libras?

Sim () Não

2- Foi difícil aprender?

() Sim Não

3- Quer continuar a aprender?

Sim () Não

4- Se for positivo, porque quer continuar a aprender?

pra mim ensinar meus amigos

5- Você acha que deve ter disciplina de Libras na sua escola?

Sim () Não

6- Se for positivo, porque acha importante ter disciplina de Libras?

para não ficar de bagunça com as pessoas

ALUNO 3

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

1- Você gostou de aprender Libras?

Sim () Não

2- Foi difícil aprender?

() Sim Não

3- Quer continuar a aprender?

Sim () Não

4- Se for positivo, porque quer continuar a aprender?

porque eu quero falar libras sem os professores

5- Você acha que deve ter disciplina de Libras na sua escola?

Sim () Não

6- Se for positivo, porque acha importante ter disciplina de Libras?

porque é importante aprender libras e disciplina

ALUNO 4

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

1- Você gostou de aprender Libras?

Sim () Não

2- Foi difícil aprender?

() Sim Não

3- Quer continuar a aprender?

Sim () Não

4- Se for positivo, porque quer continuar a aprender?

conseguiu falar com surdos
~~para poder falar com~~
~~para poder falar com~~

5- Você acha que deve ter disciplina de Libras na sua escola?

Sim () Não

6- Se for positivo, porque acha importante ter disciplina de Libras?

Para poder a gente saber conversar
com pessoas, porque as vezes em nossa
família tem pessoas surdas.

ALUNO 5

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

1- Você gostou de aprender Libras?

Sim () Não

2- Foi difícil aprender?

() Sim Não

3- Quer continuar a aprender?

Sim () Não

4- Se for positivo, porque quer continuar a aprender?

Para saber mais coisas.

5- Você acha que deve ter disciplina de Libras na sua escola?

Sim () Não

6- Se for positivo, porque acha importante ter disciplina de Libras?

Para não ter muitas confusões.

ALUNO 7

NOME (ANOTE O SEU NOME ATRAS DA FOLHA)

1- Você gostou de aprender Libras?

Sim () Não

2- Foi difícil aprender?

() Sim Não

3- Quer continuar a aprender?

Sim () Não

4- Se for positivo, porque quer continuar a aprender?

por causa que eu gosto das aula de libras

5- Você acha que deve ter disciplina de Libras na sua escola?

Sim () Não

6- Se for positivo, porque acha importante ter disciplina de Libras?

porque eu sou aprendendo

Anexo I: Autorização para realização de pesquisa

<p>De: Escola Municipal Ernani Moreira Franco. Para: Dra. Helena Carla Castro Cardoso de Almeida Coordenadora do Laboratório de Antibióticos, Bioquímica e Modelagem Molecular – IB-UFF Professora Orientadora do Curso de Pós-Graduação em Diversidade e Inclusão, CMPDI – UFF</p>

Por meio deste documento **AUTORIZO** a pesquisadora Luciane Rangel, como aluna do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão– CMPDI- UFF, orientado pelas **Dr^{as}. Ana Regina Campelo e Helena Carla Castro Cardoso de Almeida**, a realizar o projeto intitulado *“Libras no ensino fundamental: Desenvolvimento do DVD Libras para ouvintes ouvintes partir do uso de temas das ciências como estímulo ao bilinguismo em uma escola pública da cidade de Niterói”* constituída do uso de questionários e entrevistas para o levantamento dos saberes envolvendo o tema língua de sinais. A pesquisa será realizada junto aos estudantes e com estes dados, a aluna pretende desenvolver seu projeto de mestrado que está ligado ao Projeto de Extensão Escola de Inclusão e cujos produtos serão, além da dissertação em si, criados com o objetivo de facilitar a aprendizagem e a compreensão deste tema pelos estudantes surdos.

Foi-me esclarecido que a minha Instituição de Ensino não possui qualquer responsabilidade financeira sobre a pesquisa, e que os alunos avaliados participarão da pesquisa de forma voluntária. A qualquer momento a escola, os estudantes podem desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que isto traga qualquer prejuízo a nenhum destes. As informações obtidas através desta pesquisa serão confidenciais com o sigilo sobre a participação de todos. Os resultados, bem como a imagem dos estudantes nas situações em que participam da pesquisa, respondendo ao questionário ou utilizando material didático podem ser divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos, podendo ser feito a cores ou em preto e branco. O Comitê de Ética da UFF poderá acessar os dados coletados a qualquer momento da pesquisa que achar necessário.

Todos e quaisquer esclarecimentos, que achar necessários, me serão fornecidos ao entrar em contato com Luciane Rangel e as **Dr^{as}. Ana Regina Campelo e Helena Carla Castro**, orientadoras deste projeto no Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense, Outeiro de São João Baptista, s/n - Campus do Valonguinho Centro/Niterói – RJ, CEP:24.020-150, no telefone (021) 2629-9954.

_____, _____ de _____ de 2014

Direção da Escola Municipal Ernani Moreira Franco.